Ennes, Antonio
Os lazaristas

PQ
9261
E6L3

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
Ontario Council of University Libraries

http://www.archive.org/details/oslazaristasdram00enne

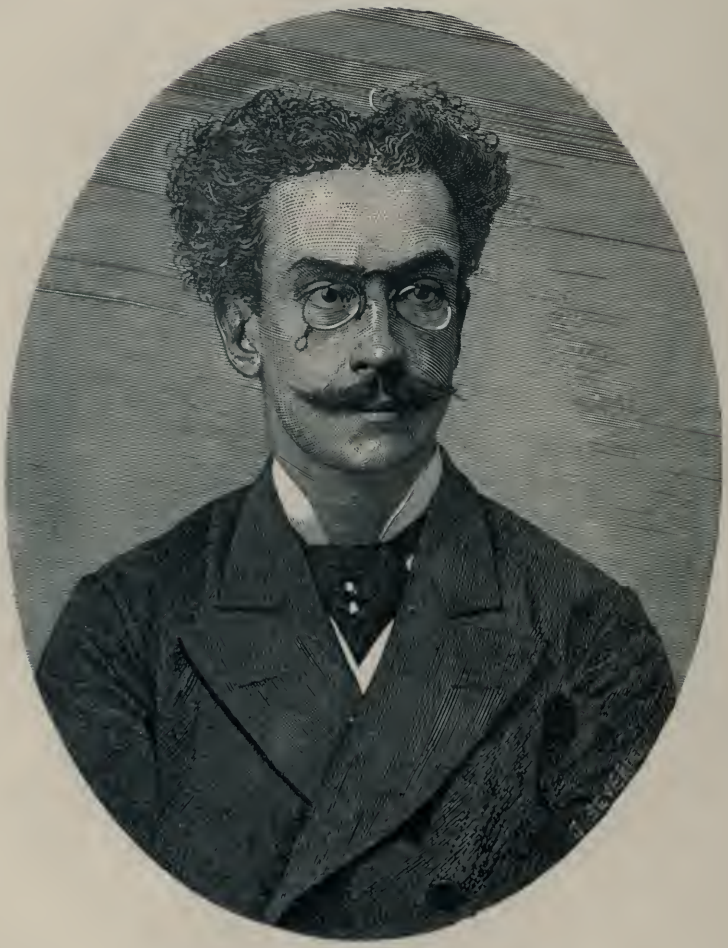
ANTONIO ENNES

OS LAZARISTAS

DRAMA ORIGINAL EM 3 ACTOS

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PAIZ
[illegible]
1872

OS LAZARISTAS



Antonio Ennes

ANTONIO ENNES

OS LAZARISTAS

DRAMA ORIGINAL EM 3 ACTOS

Lisboa

TYPOGRAPHIA DO JORNAL — O PAIZ
93 — Rua do Alecrim — 97

Á MEMORIA

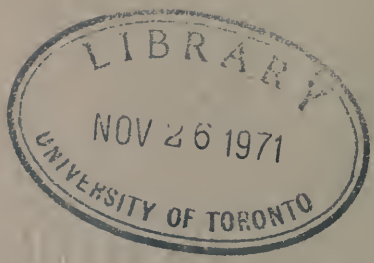
DO

DUQUE DE LOULÉ

CONSAGRA

O auctor.

PQ
9261
E613



PERSONAGENS

Carlos de Magalhães.....	*Sr. Simões.*
Ernesto da Silveira.....	» *Polla.*
Ignacio Bergeret.....	» *J. d'Almeida.*
D. José de Mello	» *Leopoldo.*
Ruy de Vasconcellos	» *Eloy.*
João d'Albuquerque	» *Ferreira.*
Creado.....	» *Farrusca.*
Luiza de Magalhães.....	*Sr.ª D. Maria das Dôres.*
Joaquina de Magalhães.....	» *D. Emilia dos Anjos.*
Condessa de S. Fructuoso...	» *Elisa Santos.*
D. Joanna de Vasconcellos. .	» *Joanna Carlota.*
Baroneza de Selgas.....	» *Julia Araujo.*
Julia (collegial)	» *Emilia Antunes.*

Irmãs da caridade francezas, socias da confraria das «Filhas de Nossa Senhora», e collegiaes

LISBOA—ACTUALIDADE

Representado pela primeira vez no Gymnasio Dramatico, de Lisboa, a 17 de abril de 1875.

ACTO PRIMEIRO

Sala bem mobilada. Portas á direita e á esquerda. Ao fundo vidraças abrindo para um jardim.

SCENA I

Joaquina de Magalhães, creado
e depois **Ernesto**

(Joaquina entra pela esquerda, vestida para sair, e toca n'um timbre)

Creado

(Apparecendo da direita.) V. ex.ª chamou?

Joaquina

Está prompta a carroagem?

Creado

Sim, minha senhora.

Joaquina

Se vier o sr. D. José de Mello em quanto estiver fóra, diga-lhe que me espere. Vou ao collegio de S. Lazaro.

Creado

Sim, minha senhora. *(Vae para sair.)*

Joaquina

Vá ao quarto do sr. Ernesto da Silveira e diga que lhe mando pedir o favor de vir acompanhar meu pae.

Creado

(Olhando para a porta.) S. ex.ª vem ahi.

(Entra Ernesto pela direita.)

Joaquina

(A Ernesto.) Ah! Tinha-o mandado chamar para fazer companhia ao nosso doente. *(O creado sae.)*

Ernesto

Com muito gosto.

Joaquina

Não me demoro. Vou ao collegio buscar minha irmã.

Ernesto

Que bem desejada é!

Joaquina

Pelo pae?

Ernesto

E por mim. Tão pouco ha já que a não vejo?

Joaquina

E..... ainda a ama!

Ernesto

Amal-a-hei sempre.

Joaquina

(Levemente ironica.) Oxalá que seja correspondido! Meu pae está ali. Até já.

(Ernesto, que parece ter notado a ironia de Joaquina, demora-se um momento e sáe para a esquerda.)

SCENA II

Carlos de Magalhães e **Ernesto da Silveira**

(Entram da esquerda—Carlos, com aspecto de valetudinario, encosta-se ao braço de Ernesto)

Carlos

Podéra não! Se foi o desejo de vel-as que me deu força para a fadigosa viagem da India! Quando me senti doente e sem cura, porque não são para os meus annos esperanças de saude, não recei a morte, mas sim morrer antes de ter apertado sobre o coração as queridas filhas. Tinha saudades de oito annos, e se as levasse para a outra vida não teria socego a minha alma.

(Senta-se n'uma poltrona e junto d'elle Ernesto.)

Ernesto

Mas resistiu aos trabalhos do mar, o que denota que o seu estado não é tão melindroso como o descreve. Não desanime, meu tio: canseiras do governo e rigores do clima o pozeram enfermo; descanço, ares patrios e alegrias domesticas hão de saral-o e prolongar-lhe a vida.

Carlos

Verdade é que sinto mais vigor desde que cheguei: foi a medicina moral que me deu alivios. Este coração dilatado, que me estava pedindo repouso, ainda quiz pulsar com a ventura de pae.

Ernesto

E nenhum póde ser mais venturoso.....

Carlos

.... do que eu, se a ventura dos paes é o carinho das filhas. Comtudo não gostei de vêr a minha Joaquina: achei-a atristada, como se algum pesar lhe gastasse a juven-

tude, e tão dada a devoções, que se diria em edade de pensar na morte. Será seu mal saudades do marido, que tão cêdo perdeu?

Ernesto

(Friamente.) É provavel.

Carlos

Amavam-se muito, coitados! E Luiza?.. Como estará ella? Estou ancioso por vêl-a! Não deve demorar-se, não?

Ernesto

O collegio é perto d'aqui. Mas as despedidas hão de ser longas: os padres têm que dar os ultimos conselhos á sua pupilla!

Carlos

Dizes isso com má sombra! *(Sorrindo)* Tomaste malquerença ás irmãs da caridade por não te deixarem vêr Luiza, senão atravez das grades do côro?

Ernesto

Não é por isso. Não escondo que, tendo visto crescer minha prima e amando-a por noiva desde a sua infancia, me foi doloroso o apartamento. Mais do que as saudades, que o exagerado rigor de clausura me prohibiu mitigar, persegue-me, porêm, o receio...

Carlos

... de que os lazaristas dessem com ella em beata?

Ernesto

Porque não, se tantas donzellas têm arrebatado ás familias? Confesso que se houvera podido ter vontade em assumptos da educação de Luiza, nunca a teria deixado regrar pelo instituto de S. Vicente de Paulo, que comsigo, meu tio, com os seus discursos e os seus livros aprendi a receiar.

Carlos

(Animando-se.) E que eu tambem receio e abomino, Ernesto.

Sou o mesmo homem que sempre fui em crenças, e só differo da virilidade em faltar-me o vigor com que outr'ora puz o peito á pôpa d'aquelle navio, que afinal se fez ao largo, levando a bordo os missionarios da reacção.

Ernesto

Bem sei, meu tio.

Carlos

Velho como estou e desenganado, ainda me enthusiasma a recordação d'essa campanha, em que militei com a palavra a par de José Estevão, e sinto tão entranhado odio ao fanatismo, que creio que até o meu cadaver se defenderia dos corvos do Vaticano. Não sou transfuga nem tibio, meu sobrinho!

Ernesto

Nem eu duvidei da firmesa das suas convicções; mas tambem não duvidam da sua inimisade os ultramontanos, e é por isso mesmo que mais têmo por minha prima. Não podendo obtêr pazes do pae, os malvados hão de ter querido vingar-se na filha, caída em suas mãos, fanatisando-lhe o espirito. A empresa é digna d'elles: é ferir o inimigo no coração e levar-lhe a guerra ao lar.

Carlos

Capazes d'essa infamia são elles, são; e têm artes para muito!

(Fica pensativo.)

Ernesto

É certo que Luiza sabe o nome glorioso de seu pae e é intelligente, e que a intelligencia e a piedade filial podem ter repellido a sedução dos hypocritas; todavia, não teria sido melhor não a expôr ao contagio de idéas e sentimentos, que se a houvessem contaminado fariam a sua desgraça e a nossa?

Carlos

Teria sido melhor, tens rasão: mas que querias que eu fizesse? Bem sabes que nunca pude occupar-me com a

educação das filhas, e entendi sempre que era encargo exclusivo das mães. Quando fui nomeado governador da India, sendo fallecida minha mulher, deixei Luiza em companhia da irmã mais velha, já casada, e a cargo da sua vigilancia. Havia de leval-a comigo? Bem o desejei, mas era impossivel. Dois annos depois da minha partida do reino, meu genro foi para S. Petersbourg, como secretario da legação, e preferi que a pobre creança ficasse em Lisboa n'uma optima casa escolar, a que fosse residir n'um clima pernicioso para a sua debil saude. Foi então que, sem me consultarem, a metteram no collegio das irmãs da caridade francezas.

Ernesto

Havendo na cidade tantos outros, regidos por senhoras respeitaveis!

Carlos

Foi de Joaquina a escolha, que deixára ao seu bom juizo. Quando m'a annunciou, desapprovei-a formalmente e tive desejos de me demittir e volver a Lisboa. Não m'o consentiram, porém, as circumstancias, porque isto succedeu ao tempo d'uma revolta militar na India, e tambem os cuidados do governo me distrahiram da sollicitude paterna. Escrevi muitas vezes a Luiza, pedindo informações do regimen da casa e perguntando se queria mudar-se para outra, mas nas respostas, que obtive, minha filha fallou-me sempre das mestras com terno respeito, dizendo não querer separar-se d'ellas, que antes eram amigas carinhosas do que educadoras severas. Esta lingoagem nunca se modificou, nunca observei n'ella symptomas de preoccupação religiosa ou desamor por mim, e com isto se me foram desvanecendo os receios, que a principio nutri.

Ernesto

E não suspeitou de que a correspondencia de Luiza comsigo fosse vigiada pelas mestras e dictada em termos de lhe inspirar confiança?

Carlos

Lembrei-me d'isso, mas não quiz julgar de leve e tam-

bem me acautelei da intolerancia, que é vulgar defeito de liberaes. Fiz mal, não duvido: culpa do meu caracter, que nunca me deixou olhar attentamente pelas cousas domesticas! Minha mulher fez muita falta ás filhas, isso é verdade;—ainda que ella propendia para a egreja e para os padres, como Joaquina, sem embargo de ser modêlo de esposas e mães. Olha, Ernesto, as mulheres precisam tanto da religião como nós da sciencia!

Ernesto

Mas sem fanatismo, sem falsas doutrinas.

Carlos

(Impaciente.) E assim ha de ser a piedade de Luiza, da tua noiva, de que me parece que tens mêdo como do jejum e do cilicio. Não quererás tu casar com ella por ter sido educada pelas irmãs da caridade? Pois olha: estou ancioso por abraçal-a, beata ou não beata.

Ernesto

E eu nunca renunciarei á sua mão, se ella quizer conceder-m'a.

Carlos

Não me quebres, pois, a cabeça com as tuas idéas pavorosas. Se os lazaristas se apossaram do coração de Luiza, desapossa-os tu, que para isso terás direitos de esposo. Se lhe foi errada a educação, fio de ti a emenda. O marido é o melhor dos mestres, e não ha discipula mais docil do que a mulher que ama. Grande é a tua fraquesa se te arreceias.... *(Interrompe-se e escuta.)* Ella ahi vem.

Ernesto

Entrou uma carroagem no pateo.

Carlos

(Alvoroçado.) Até que emfim recobro a minha rica filha! Afligura-se-me que vou vel-a entrar, correndo como aos treze annos, buliçosa e risonha como então era, e vir sus-

pender-se do meu pescoço pedindo-me beijos.... Se estará mudada?... Podêra não: oito annos!... Pois desejava a creança ainda... Já lhe sinto os passos!.. Era tão meiga! Deve estar hoje uma mulher.... Luiza! Minha filha!

(Luiza entra e lança-se-lhe nos braços. Ernesto colloca-se de fórma que Luiza o não vê.)

SCENA III

Os mesmos, **Luiza, Joaquina** e padre **Bergeret.**

Luiza

(Abraçando o pae.) Meu pae!

Carlos

(Abraçando a filha com phrenesi.) Minha filha... Luiza... abraça-me outra vez... outra:—abraça-me por tantos annos de apartamento. *(Mirando-a.)* Que formosa és!... Mas tão pallida! *(Beijando-a.)* Filha, filha, nem tu sabes como te quero e como estou feliz!.. E tu, meu amor, tinhas saudades d'este pobre velho? lembravas-te de mim?

Luiza

Nunca deixei de o encommendar a Deus nas minhas orações.

Carlos

E Deus ouviu-te, porque me deixou vida para te abençoar. *(Abraçando-a.)* Pobre Luiza, oito annos sem pae!

Bergeret

Mas não sem a graça do Senhor, que é pae de todos os orphãos.

Carlos

Ah!

(Vendo e ouvindo Bergeret, aperta a filha ao peito, como a defendel-a.)

Joaquina

(Acudindo á surpreza do pae.) È o sr. padre Bergeret, capellão do collegio de S. Lazaro e director espiritual de Luiza.

Bergeret

Acompanhei a minha querida pupilla, para ter occasião de asseverar a v. ex.ª que sua filha foi educada no santo temor de Deus.

Carlos

(Com rudeza.) E no amor da familia? e no respeito a seu pae? *(Abrandando-se.)* Obrigado, sr. padre.

Luiza

O sr. padre Ignacio tem sido para mim um santo conselheiro, e a minha alma deve-lhe muitos beneficios... Custar-me-hia perder os seus conselhos.

Joaquina

Mas porque has-de perdel-os? Continuarás a ser sua confessanda, e as portas d'esta casa estarão sempre abertas para o melhor amigo de minha irmã.

Carlos

(Descontente.) Sim;.. sim... são bemvindos a esta casa todos os homens de bem.

Bergeret

Se v. ex.ª me permittir...

Carlos

(Interrompendo-o.) Luiza, não era só eu que te esperava anciosamente, depois de ter devorado amargas saudades. Ali está teu primo....

Luiza

(Avistando Ernesto.) Ernesto! *(Com um movimento de susto e de timidez, lança o véu sobre o rosto.)* Ah!

Ernesto

(Adiantando-se para Luiza.) Minha prima! *(Vendo-a cobrir o rosto.)* Senhora!

Carlos

(Irado.) Luiza, que significa esse biôco?.. Não vês que é teu primo?

Bergeret

(A Luiza.) Minha filha, póde levantar o véu. *(A Carlos.)* É a timidez, o descostume de se mostrar com o rosto descoberto...

Joaquina

Foi um movimento natural....

Carlos

(A Bergeret.) Acho timidez de mais. *(A Luiza.)* Que creancice! Esconderes d'elle o rosto, d'elle, que tantas vezes o cobriu de beijos quando te trazia ao collo!

Luiza

Meu pae, eu não quiz....

Ernesto

(A Carlos.) Não offenda o melindre de Luiza com similhante recordação. Sobre ella e sobre a sua infancia caiu um véu espesso, que eu não ousarei erguer.

Luiza

(Enleiada.) Desculpe, Ernesto:.. foi a surpresa. Eu folgo de tornar a vel-o.

Ernesto

Não se desculpe, que não ha palavras que desdigam a eloquencia do seu gesto. *(Luiza faz um movimento para interrompel-o.)* Mas eu não lhe quero mal por isso, Luiza. Perdi a sua confiança? os seus vinte annos não se recordam dos quinze? Resigno-me, se não me tira a esperança de recuperar o que perdi e levantar-me da posição de estranho, em que me collocou.

Luiza

Estranho, não. Nunca me esqueci do primo.

Ernesto

Devéras, Luiza?

Luiza

Quero dizer: sempre o estimei como um irmão.

Carlos

Nem eu te perdoaria, se lhe tivesses retirado o affecto que d'antes lhe consagravas. A ausencia não lhe fez perder o direito á tua... estima, nem a mim ao teu amor. *(Com meiguice.)* E olha que o quero bem carinhoso, bem vehemente, para me indemnisar da ternura que empregaste nas mestras. Agora és minha, és nossa e só nossa.

Joaquina

E de Deus: não somos todos suas creaturas?

Carlos

E de Deus; mas para as filhas piedosas são os paes imagens de Deus, não é assim? A familia é o mais santo tabernaculo em que elle póde ser adorado: não foi isto que te ensinou o sr. padre?

Bergeret

Honrarás pae e mãe, disse o Senhor.

Carlos

(Sorrindo.) E não prohibiu estimar os primos, nem ordenou ás priminhas bonitas que escondessem o rosto das suas vistas.

Luiza

(Vexada.) Meu pae!

Carlos

Está bom, não fallemos mais n'isso. Estão feitas as pazes e não tardará a cordealidade. Luiza, eu nada quero vêr ou perceber em ti que me recorde o collegio, porque é re-

cordar-me o apartamento e as saudades que soffri: desejo-te alegre como a innocencia, festiva como a tua edade, e amoravel para nós todos como eras na infancia. Hoje começa vida nova para ti e para mim: vem tomar posse do ar e da luz. *(Levantando-se.)* Destinamos-te um quarto, que é um céu aberto: vamos vêl-o. Dá-me o teu braço. *(Agarrando-se á filha.)* Assim... que eu sinta o teu rosto bem chegado ao meu. *(A Bergeret.)* Sr. padre, quer acompanhar este grupo da decrepitude amparando-se na piedade filial?

Bergeret

Formoso grupo, em verdade, que o Senhor abençoará prolongando os dias do ancião, e enchendo da sua divina graça o coração da virgem. Mas eu retiro-me, senhor: deveres do sacerdocio me requerem.

Luiza

Meu padre, deixa-me?

Joaquina

Mas promette visitar-nos a miude, sim?

Bergeret

(A Luiza.) Filha, ficarão comtigo a misericordia do Todo Poderoso e a benção do seu ministro. *(Luiza larga o braço do pae, que se segura á poltrona, e vem ajoelhar diante de Bergeret.)* O céu te defenda das machinações do inferno e faça viçar em tua alma a flôr da castidade. Ensinámos-te, com a mercê de Deus, os caminhos da gloria; não te apartes d'elles para te perderes nos labyrinthos do mundo, d'onde não ha saída senão para o supplicio eterno. Adeus, filha de Maria: *(Deitando-lhe a benção)* conserva-te nas santas disposições, que a tua padroeira te inspirou, e eu lhe supplicarei que não deixe desgarrar a candida ovelha do aprisco do seu bemdito filho.

Luiza

(Chorando.) Meu padre não me falte nunca com a palavra

do Senhor. Eu sou uma pobre peccadora, ignorante da vida e dos seus perigos.

Carlos

(Que tem dado indicios de irritação.) Luiza . . .

Ernesto

(Levantando Luiza.) O amor de teu pae vellará por ti. É elle o conselheiro e o protector que te destinou a Providencia, e nenhum outro seria mais sabio nem mais veneravel.

Bergeret

(A Carlos.) Sr. Magalhães, deixo-lhe um anjo para guiar a sua alma ao céu. Deus lh'o mandou na sua infinita misericordia, e Deus lhe pedirá contas d'elle.

Carlos

Vamos, vamos. *(Toma o braço da filha.)* Adeus, senhor padre. *(A Ernesto.)* Ernesto, acompanha-nos. *(Sáe apressadamente com Luiza.)*

Ernesto

Ahi vou, meu tio. *(A Bergeret, acêrcando-se d'elle.)* Padre Ignacio, pense tambem nas contas que ha de dar a Deus quem rouba a um pae o amor e a veneração da filha. *(Sáe.)*

SCENA IV

Joaquina, padre **Bergeret**, e depois **D. José**

Bergeret

(Depois de se affastar Ernesto.) Ai! minha senhora, que prevejo grandes perigos n'esta casa para a salvação de sua irmã!

Joaquina

Tambem eu, padre Ignacio; mas com o seu auxilio e o favor de Deus espero conjural-os.

Bergeret

Satanaz abriu um alçapão no caminho d'uma alma, que ia para o Senhor. Eu esperei que Luiza houvesse de reconciliar seu pae com o Christo e a egreja, que d'elle receberam tantas lançadas, mas começo a temer que a peste da impiedade contagie a minha querida pupilla.

Joaquina

Não é de meu pae que mais receio. Os seus erros liberaes — que oxalá podessem ser expiados pelas minhas lagrimas — não hão de ser obstaculo á vocação de Luiza, porque elle, apesar da sua desgraçada allucinação, nunca foi perseguidor da fé sincera dos outros: — seja-lhe isso levado em desconto das culpas! O peior inimigo é Ernesto.

Bergeret

Mórmente se não estiver de todo extincto no coração de Luiza o amor que lhe teve, e que tanto lidei para desenraizar. Elle ama-a?

Joaquina

Eu sei! O Senhor me perdôe se erro, mas parece-me que Ernesto ama, mais do que minha irmã, a grande fortuna que ella ha de herdar do pae. Ha de herdar toda a casa, bem sabe, visto como eu recebi em dote a legitima paterna e talvez ainda mais. Nada tenho já que receber, e não sei mesmo...

Bergeret

... se terá de repôr parte do que lhe foi doado, para completar a meiação de Luiza, segundo uma clausula da escriptura, que uma vez me mostrou?

Joaquina

(Com amargura.) Repôr? Como, se quasi nada me resta? Não é isso que me inquieta, nem a fortuna de minha irmã precisa de que eu a augmente, para ser de cobiçar.

Bergeret

Meu Deus, e consentireis vós em que vão cair tantas riquesas em mãos que d'ellas façam uso abominavel?

Joaquina

Em obras pias e no serviço da religião não hão de consumir-se, de certo, se meu primo as embolsar, como se consumiu boa parte dos meus haveres! Mas que se lhe ha de fazer?

Bergeret

Pergunte-o á sua piedade, que ella lhe inspirará o que deve fazer em serviço de Deus!

Joaquina

Mas se parece que elle abandona ás vezes a sua santa causa? Fôra eu rica, como ha de ser Luiza, que não faltaria pão á santa infancia, nem os ministros do templo teriam de esmolar para os seus pobresinhos: havia até de fundar um asylo para os meninos chinezes. Mas infelizmente nada posso, e aos que podem falta-lhes a fé!

Bergeret

Póde muito para que Luiza persevere nas santas intenções, que o céu lhe inspirou.

Joaquina

Para que vá professar em França como irmã da caridade? Desejo-o de todo o coração: mas, padre, temo que se diga que incito minha irmã a fazer voto de pobresa, para que me abandone os seus bens. Porque eu não sou ambiciosa, bem sabe, e se a Virgem, minha intercessora, permittisse que fosse outra vez abastada...

Bergeret

E porque não ha de permittir? Ella premeia os designios piedosos e proporciona-lhes satisfação.

Joaquina

E merecer-lhe-hei tanta misericordia? A minha pobresa é a expiação dos peccados da mocidade, perdida nos prazeres e regalos, e quem sabe se um castigo dos erros de meu pae. Pois não está escripto que os crimes dos homens recáem sobre os seus descendentes até á ultima geração? Ó Senhor Deus, porque me não fizeste nascer de um tronco abençoado por vós, ainda que fosse humilde e rasteiro? A gloria de meu pae, o seu talento, os respeitos de que o cerca o mundo, tudo me pesa porque nada foi consagrado ao serviço...

D. José

(Á porta.) V. ex.ª dá licença?

Joaquina

Ah!... O sr. D. José!

D. José

(Entrando.) Perdão, vim talvez interromper uma piedosa conferencia.

(Cumprimenta os dois.)

Joaquina

Não, D. José!.. Aguardava-o.

D. José

E eu ardia em desejos de saber se foi falta de saude que a privou hontem de concorrer ao ensaio da novena.

Joaquina

Não, graças a Deus. Não quiz deixar só meu pae, enfermo.

D. José

Terna e amoravel como Noemi! *(A Bergeret.)* Que manancial de virtudes é a religião!

Bergeret

Sem ella só ha maldade... E v. ex.ª como está? Ouvi que passára mal.

D. José

Uma constipação ligeira, cousa de nada: resultado d'um golpe d'ar d'aquella porta do côro de S. Lazaro, de que tanto nos temos queixado. *(Para D. Joaquina.)* Estava transpirando, porque cantei o *Pater* em logar do D. Thomé, que tinha enrouquecido... V. ex.ª não assistiu?

Joaquina

Não. Faltei n'esse dia, com bastante pesar, porque sou muita devota do rosario. *(Para Bergeret.)* Resei-o em casa. *(Para D. José.)* Mas ainda me não deu noticia do ensaio d'hontem.

Bergeret

A viscondessa cantou seraphicamente.

D. José

Mas ha de concordar em que desentoou muito n'aquella arenga com a D. Rosa. Não assistiu, padre? Que escandalo, anjo bento!

Joaquina

Uma arenga? Porque? Como foi? Ai! ainda bem que não presenciei o desatino!

D. José

Uma arenga, uma batalha, um temporal desfeito... eu sei lá! Se não fosse o padre Mallet tinham-se esgatanhado. Que gente! Que furias!

Bergeret

Fraquesas humanas!.. Uma discussão ácerca de quem levaria o estandarte das Filhas da Virgem na proxima solemnidade.

D. José

A viscondessa e a D. Rosa ambas queriam a honra para as proprias filhas.

Joaquina

O que: o estandarte para a Virginia? Uma sonsa, que pa-

rece que não levanta os olhos do livro e não faz senão namorar?

D. José

Isso mesmo disse a D. Rosa á mãe, mas olhe que tambem as ouviu bonitas. São duas linguas, que valem por dois floretes: sim, senhores!... Mas, perdão: eu vim para me informar da sr.ª D. Luiza. Já cá está?

Bergeret

Estou aqui por ter vindo acompanhal-a, e ia retirar-me quando v. ex.ª chegou. Se, porém, me dispensa....

Joaquina

Pois já? *(Estendendo a mão a Bergeret.)* Não nos falte com os seus conselhos, padre.

Bergeret

Ajudemo-nos, que o céu nos ajudará! *(A D. José.)* Passe v. ex.ª muito bem... Vou já providenciar para que a porta do côro não torne a constipal-o.

(Vae para sair.)

D. José

Obrigado! Muito obrigado! Ó sr. padre Ignacio! *(Bergeret retrocede.)* Ainda tem alguma agua de La Sallette que possa dar-me?

Bergeret

Não sei se... É para v. ex.ª?

D. José

É para a devota das escrophulas. Tem-lhe feito muito beneficio.

Bergeret

Ah! pois ainda ha de haver um resto no pote, e pelo proximo paquete esperamos mais. Póde mandar buscar.

D. José

Obrigado; mandarei o João.

(Bergeret sáe e sáe.)

SCENA V

Joaquina, D. José,
e depois **Carlos de Magalhães e Luiza**

Joaquina

(Tendo esperado que o padre se distanceiasse.) Porque não vieste hontem? Não recebeste o meu bilhete?

D. José

Recebi-o pelo sachristão de S. Lazaro, juntamente com a medalha da *Associação protectora dos meninos chinezes*, que te pedira para a baroneza de Selgás.

Joaquina

E primeiro lh'a foste entregar do que acudiste ao meu chamamento? Ai! D. José, que essa baroneza...!

D. José

Pareceu-me que a minha visita se faria hoje menos notada. Minha querida, a vinda de teu pae obriga-nos a maiores disfarces.

Joaquina

Desejei fallar-te precisamente para ajustarmos os meios de occultar as nossas relações, sem as interromper.

D. José

Isso nunca!

Joaquina

Quizéra que a baroneza de Selgas te ouvisse!... Não as interromperemos, já que Deus permittio que se apossasse de nós este amor criminoso, mas precisamos ageitar-nos ás novas circumstancias. Até agora meu pae estava na India. minha irmã no collegio, meu primo raro me visitava, não tenho outros parentes, e aos olhos do mundo... *(Interrom-*

pe-se e escuta.) Espera, que ouço vozes... E' meu pae... Vem para aqui.

(Tomam ambos attitudes de quem faz e recebe visita cerimoniosa.)

D. José

Mudêmos de conversa. *(Para ser ouvido pelos que chegam.)* Foi um perfeito milagre. O padre Mallet já o narrou n'aquelle seu estylo cheio d'uncção, para ser publicado no *Univers*, e o *Bem Publico* tambem ha de fallar n'elle para confusão dos incredulos.

(Entram Carlos e Luiza.)

Carlos

(Conversando com a filha)... A sua leitura, além de servir de recreio, ministrar-te-ha conhecimentos uteis. *(Vendo D. José, que se tem levantado para o cumprimentar.)* Ah! é o sr. D. José de Mello.

Joaquina

Sim, meu pae, é aquelle intimo amigo de meu esposo, que Deus tenha...

D. José

... que se deu pressa em vir felicitar v. ex.ª pelo regresso de sua filha mais nova.

Carlos

(Indicando Luiza.) Eil-a aqui, servindo de bordão á minha invalidez.

D. José

(Cumprimentando Luiza.) Conhecia já v. ex.ª de admirar, na egreja de S. Lazaro, o seu recolhimento na oração, e do muito que os padres me louvaram as virtudes da sua educanda. *(Luiza inclina-se.)*

Carlos

Tenho andado a dar-lhe posse da sua nova vivenda *(Para Joaquina.)* e a distracção fez-nos bem a ambos. Eu respiro agora com mais desaffogo, e ella vae espalhando as saudades e tristuras: não é verdade, filha?

Luiza

É tão bom para comigo, meu pae!

Carlos

Iam-me dando com ella em beata, mas hei-de tornal-a risonha e louçã como d'antes era: oh! se hei-de!

D. José

O que não conseguirá a ternura de v. ex.ª?

Carlos

Basta que consiga a felicidade de minhas filhas. *(Para Joaquina.)* Não sabes: tua irmã já projectou, apesar de educanda dos reverendos padres lazaristas, uma construcção pagã, um templo de Flora—como diria um poetastro do meu tempo,—de que vae ser sacerdotisa.

Joaquina

Uma construcção? Para que?

Luiza

Uma estufa, contigua ao quarto... Mas foi idéa de meu pae.

Carlos

E o Ernesto encarregou-se do sortimento de plantas. Encommendaram-se-lhe begonias, fetos, generias, fuchsias...

Luiza

(Para Carlos.) Ai! que não lhe pedi violetas... eu gosto immenso de violetas.

D. José

Porque se lhe assemelha na modestia.

Carlos

(A Luiza.) Logo lh'o dirás. *(A Joaquina, com malicia.)* Já estão na melhor harmonia *(A D. José.)* Sr. D. José, desculpe-me estes requintes do amor de pae: têm exemplos classicos. Mas v. ex.ª está de pé, estamos todos de pé!

D. José

Eu retiro-me. Livre-me Deus de perturbar a festa do seu

coração, sr. Magalhães. V. ex.ª deve hoje pertencer todo a sua filha.

Joaquina

Para onde se dirigiam agora, que vieram passar aqui?

Luiza

Para o gabinete de meu pae, que queria mostrar-me livros e escolher alguns para minha leitura.

Carlos

Mas ficará para logo a escolha, visto o sr. D. José dar-nos o gosto...

D. José

Por quem são..! Eu deixo-os immediatamente. A occasião seria impropria para demorada visita.

Joaquina

(A D. José.) Preciso fallar a v. ex.ª da minha protegida, que está no asylo. *(Para Carlos.)* Encargos pios, meu pae.

Carlos

Ah! n'esse caso cumpre-nos a nós não ser obstaculo á caridosa pratica. *(A Luiza.)* Vamos. *(A D. José.)* Beijo as mãos de v. ex.ª pela sua fineza.

(Sáem Luiza e Carlos.)

SCENA VI

Joaquina e D. José

Joaquina

Vês que perigos corremos aqui? É preciso que as tuas visitas se limitem ás de cortezia: n'outra parte nos veremos a miude. O meu amor tornou-me culpada aos olhos de Deus e da consciencia, mas não quero parecel-o aos olhos de meu pae.

D. José

E não o serás no seu conceito nem no da sociedade. Bem sabes como tenho sido zeloso da tua reputação, e como nenhumas vistas poderam ainda surprehender o segredo das nossas relações.

Joaquina

Mas póde descobril-o meu pae, como suspeito muito que já o descobriu Ernesto, e a menor suspeita sua poderia transtornar todos os meus planos de felicidade.

D. José

De felicidade? Oh! a felicidade seria a sanctificação d'este amor!

Joaquina

Peço-a incessantemente ao Senhor nas minhas orações, e hei de conseguil-a.

D. José

Por milagre do céu?

Joaquina

Preparado para nós. D. José, has-de ser meu esposo.

D. José

Não poder ouvir essa promessa sem me envergonhar!

Joaquina

Envergonhar de que?

D. José

Ainda m'o perguntas? Devia ser eu que removesse os obstaculos que se oppõem á nossa união. Mas como? Sou pobre, pobrissimo, vivo sabe Deus como; da amisade prodiga, da boa recepção que me proporciona o nome de familia nas casas nobres... nas casas de jantar, devia dizer; sou quasi um parasita, não me ensinaram a ganhar a vida, não quererias que teu esposo cavasse com uma enxada; e em verdade que não posso offerecer á mulher que amo um quinhão da minha miseria!

Joaquina

Mas se te amo assim mesmo, e talvez por isso mesmo? Se fosses rico, sabio, illustre, talvez que a minha vaidade se despeitasse com os teus merecimentos, e o despeito esfriasse o amor. O meu pesar, José, não é a tua pobresa, é a minha; porque se fosse opulenta prender-te-hia a mim com grilhões de ouro, que são os unicos que os homens não quebram, para arrojar os pedaços aos pés... das baronezas de Selgas.

D. José

Não digas isso. Pobre ou rica, amante ou esposa, hei de adorar-te sempre. Para que me fallas na todo o momento da baroneza? Eu não...

Joaquina

Não te desculpes: não tenho ciumes. Não me faças protestos: somos porventura dois namorados de quinze annos, que se amem segundo as regras do idyllio? Já deves saber que os meus sentimentos resistem até á certesa que tenho de que, se não nutrisses esperanças de que eu tornasse a ser rica, já te haverias arrancado dos meus braços. *(Movimento de D. José para negar.)* Calla-te! Não sou insensivel á tua ingratidão, infelizmente, e offereço a Deus o soffrimento que ella me causa como penitencia dos nossos peccados. Mas como o amor na minha edade é principalmente um calculo dos sentidos, uma vez que te possua, perdoar-te-hei a intenção de fugir-me.

D. José

Estás affeiando os teus sentimentos.

Joaquina

Valeria a pena aformoseal-os para que me estimasses? Já te contei a historia do meu coração, que daria a Balzac para um d'aquelles seus romances, que os tolos chamam immoraes. Meu marido era um nobre caracter: fez-se respeitar, e o respeito matou a paixão. Possuia um grande talento, de que deveria orgulhar-me: pois tinha ciumes das

homenagens que lhe prestava o mundo, e enfurecia-me a idéa de que não precisava de mim para ser feliz, porque as caricias da gloria dispensavam as da esposa. Creio que são assim todas as mulheres! E o trabalho? Ai! que desespero me ralava, quando o via deixar-me pelos livros, pela penna, pela politica, e só volver pensativo, abstracto e frio como a sua sciencia! Antes quereria sentir-lhe nos labios a humidade de beijos que não fossem meus, do que divisar-lhe nos olhos as sombras d'uma meditação. Era um esposo? era meu? Não: pertencia ás suas ambições, e só me dava os restos da alma e o repouso do corpo! Cheguei a odial-o, e soffri tormentos infernaes. Foi então que me fiz devota.

D. José

Teu segundo marido te indemnisará da indifferença do primeiro, Joaquina.

Joaquina

Assim o espero, e para isso te escolhi.

D. José

Viveremos n'um paraizo.

Joaquina

Mas a chave d'esse paraizo é d'ouro, não é verdade?

D. José

Seria crueldade associar a minha pobreza á tua ruina. Nunca te acceitaria o sacrificio do bem estar, dos regalos, do luxo, em que foste creada e que em casa de teu pae nunca te faltarão.

Joaquina

Em quanto Deus fôr servido que elle viva, porque depois, a sorte que me espera é comer as sopas de minha irmã, visto que já devorei a legitima que recebi por dote.

D. José

Mas então é impossivel..?

Joaquina

...o nosso enlace? Não ha impossiveis para quem tudo espera da protecção divina, que eu não cesso de implorar. Socega, D. José, que hei de ser rica e escapar á dependencia humilhante. *(Ironicamente.)* O céu inspirou-me um plano soberbo, e se lograr realisal-o terei ao mesmo tempo consummado uma obra piedosa, que me ha de merecer as bençãos do Senhor, e assegurado dias d'ineffavel ventura para nós ambos. É preciso nunca separar os nossos interesses dos da religião, meu José: porque o plano que tracei tanto serve a uns como a outros, espero eu que o hão de auxiliar os padres.

D. José

E esse plano consiste?

Joaquina

(Olhando em derredor de si e tomando o braço de D. José.) É mais facil que tenham ouvidos as paredes do que as arvores... É um plano que já vae em execução, e em que diria que tinha posto toda a astucia de que é capaz uma mulher ambiciosa e amante, se o padre Bergeret, *(Com ironia)* que é um santo, não me tivesse assegurado que só a devoção o suggeríra e só o zelo religioso me empenhára no seu bom exito.

(Encaminham-se para o jardim, conversando até sumirem-se as vozes.)

D. José

Elle que o assegura!

Joaquina

(Com ironia.) Oh! é quanto basta para tranquillidade da consciencia. Julgava, na minha ignorancia, que com o amor me entrára n'alma a maldade, e até receiava que Deus me castigasse. Mas não: é positivo que só trabalho para sua maior gloria, e portanto... *(Desapparecem.)*

SCENA VII

Carlos e Ernesto

Carlos

(Saindo da direita, encostado a Ernesto.) Já me parece outra, tanto a mudaram os ares de liberdade e a minha ternura. Mulheres, mulheres, não ha impressão que dure em seu espirito!

Ernesto

Mas é preciso não a desamparar e subjeital-a, deixe-me assim dizer, a um tractamento rigoroso. Os fanaticos ferem as suas victimas no coração, mas ás vezes com styletes tão finos, que não se lhes divisa a ferida nas carnes.

Carlos

Que elles m'a iam perdendo, não ha duvida; percebi-lhe o estado moral logo que a avistei. Tinhas razão nos teus receios, Ernesto.

Ernesto

Se eu sabia parte do que se passára no collegio! Quando o padre Bergeret me devolveu o anuel que tinha dado a Luiza e ella promettêra conservar sempre, percebi que minha prima estava dominada pelos mestres.

(Avista-se Luiza no jardim, apanhando flôres.)

Carlos

Felizmente ainda lhe acudimos a tempo, e o mal não é tão profundo que se não remedeie. *(Olhando para o jardim.)* Olha: lá anda ella no jardim colhendo flôres, e ao parecer tão despreoccupada como nos dias da sua infancia.

Ernesto

Mostra ir tomando gosto pela nova existencia.

Carlos

E nós lh'o faremos augmentar, não é assim? Já agora acabarei a vida como a comecei: disputando almas á superstição e ao fanatismo. Ajuda-me tu, que a empreza é meritoria. Se eu tenho que recuperar a filha, tu tens que conquistar a esposa. *(Sáem pela esquerda.)*

SCENA VIII

Luiza e **Ernesto**

(Luiza entra do jardim com um braçado de flóres, larga-as sobre a mesa e faz menção de as dispôr em ramilhete)

Ernesto

(Entrando da esquerda e acercando-se da prima, sem ser visto por ella.) Por que me não chamou para a ajudar a colhêr essas flores?

Luiza

(Sobresaltando-se.) Estava ahi?... E meu pae?

Ernesto

Agora mesmo o deixei na alcova, a repousar. *(Luiza começa de juntar as flores, como para retirar-se com ellas.)* Vae retirar-se?... Por eu ter entrado?

Luiza

(Arrependendo-se do movimento.) Não... Não... *(Põe-se a fazer o ramilhete, sem levantar a vista.)*

Ernesto

(Depois d'uma pausa.) Seria indescrição perguntar a quem destina essas flores?

Luiza

São para o altar de Nossa Senhora da egreja de S. Lazaro.

Ernesto

Ah! Offerenda d'um anjo á sua rainha

Luiza

Primo!

Ernesto

(Depois d'outra pausa.) Que pressa com que está fazendo esse ramilhete! Advinho-lhe a intenção, e peza-me vêr que ainda me não restituiu a sua confiança.

Luiza

(Assustada.) Quer obrigar-me a fugir-lhe?

Ernesto

Não, prima: desejo que fique, e me permitta não disfarçar a alegria de tornar a vêl-a. É pedir bem pouco... nem mesmo peço que me corresponda.

Luiza

Pois julga que não estou contente por ter abraçado meu pae? É suppôr-me má filha!

Ernesto

(Alegremente.) Só me queixo de que seja má prima...

Luiza

Em que lhe fiz mal?

Ernesto

(Continuando.)... e muito esquecida de um passado, que outros nunca poderam apagar da memoria do coração.

Luiza

Para que me hei de lembrar das loucuras da infancia, a não ser para pedir a Deus que m'as perdõe?

Ernesto

Do perdão de Deus precisa quem se arrepende, como de peccados, dos sentimentos puros que elle inspira.

Luiza

(Severa.) Deus não inspira outros sentimentos, que não sejam o amor da sua perfeição e o temor da sua colera, e é por esses que eu desejo esquecer todos os outros.

Ernesto

Ai! Luiza, que crueis palavras! Matar em nome do Deus de misericordia a esperança d'uma felicidade promettida, que guardei tantos annos no intimo d'alma, é querer que blasphememe.

Luiza

Ernesto, eu nem devo entender o que está dizendo. *(Indica retirar-se.)*

Ernesto

Perdôe-me e fique. Prometto respeitar a sua vontade, que me foi annunciada pelo meu annel devolvido, e pela recepção que ha momentos me fez. Sim: não existiu o passado e conhecemo-nos d'hoje.

Luiza

Estimamo-nos como parentes... como irmãos.

Ernesto

Como irmãos, seja assim. *(Como fallando comsigo.)* Todavia, quando nos separámos, quando desentrelaçámos as mãos banhadas pelas lagrimas d'ambos, quem diria que só como irmãos volveriamos a encontrar-nos!? E quem então duvidou da constancia do outro não fui eu: foi ella, que com os olhos marejados, arfando-lhe o seio, debruçando-se sobre mim até roçar-me as faces com as madeixas soltas, me fez jurar pela memoria de minha mãe a fidelidade, que hoje a offende como uma profanação! Ai! o tempo, o tempo! Mas o que pôde o tempo sobre o meu amor? Passou por mim com a minha mocidade, attrahindo-me para o redemoinho de prazeres em que se submergem as recordações, tentando-me com mulheres formosas que me estendiam os braços, e eu resisti-lhe...

Luiza

Está faltando á sua promessa, Ernesto. Não me falle uma lingoagem que eu não devo ouvir, se não quer que lhe fuja, que fuja até d'esta casa, e volte para o collegio... d'onde talvez nunca devesse ter saido.

Ernesto

Mas fugir de que? O que receia? Oh! ter mêdo seria uma fraqueza! Lembre-se das nossas condições: o passado já não existe. Que lhe importa, pois, que eu falle d'uma mulher... que morreu? Olhe, Luiza, ella foi ingrata, mas amei-a sempre *(Com vehemencia)* e ainda a amo!

Luiza

(Espavorida.) Senhor!

Ernesto

Minha irmã, ainda amo a formosa creança que me deu o beijo de noiva entre os braços do pae. Desculpe-me esta confidencia: preciso desaffogar uma grande magoa. Apartado d'ella, olhava para o fundo d'alma para remirar a sua imagem; aguardando a ventura que me promettêra, antegostava-a com a imaginação e vivia em espirito no lar illuminado pela dupla chamma do nosso santo amor. Assim passei interminaveis dias, porque acreditava ainda nos seus protestos refalsados ou levianos... *(Movimento de Luiza para negar.)* Luiza?

Luiza

(Reprimindo-se.) Nada... Resigne-se com a vontade de Deus.

Ernesto

Era sempre Deus que ella invocava para me arrebatar a felicidade, que a sua religião devia sanctificar. O desamor desculpava-se com a piedade, mas sem vingar illudir-me. Se me amasse não nos votaria a ambos a um sacrificio inutil: pois qual é a lei divina que prohibe o consorcio das almas? Invenções da hypocrisia! Mentiras da perfidia!

Luiza

Quem sabe o que se terá passado em sua consciencia?!

Ernesto

Não tente desculpal-a, porque não creio que o seu coração a approve. Quem sabe mesmo se outro amor substituiu o que me confessára e promettêra eterno?... É possivel, muito possivel! E hei-de eu viver de recordações, de adorar um passado extincto, de contemplar uma imagem que se velou? Não, que o não merece quem descaroavel me espedaçou a alma!... Dizia bem, Luiza, devo resignar-me; mais ainda, hei-de esquecer-me. Acabou-se tudo: vae raiar para mim vida nova. Se a vida é amor, amarei novamente. E porque não? não estou eu desligado? Serão para outra os sentimentos vehementes que lhe consagrei, para outra o culto fervoroso e puro, para outra, mais sincera, mais constante...

Luiza

(Com arrebatamento.) Ernesto, Ernesto... ouça-me!... *(Pára, como arrependendo-se do que dissèra.)*

Ernesto

Ah! Luiza, que denunciaste o sagredo do coração! Ainda me amas, não é verdade? Diz-m'o... confessa-o...

Luiza

Não... eu não soube o que disse! Ernesto deixe-me!... E' verdade que... Oh! meu Deus, perdoae-me!

Ernesto

Pobre Luiza! não me digas nada, nada me contes, que eu tudo sei. Disseram-te que o nosso amor era um crime, um ultrage ao Deus iracundo dos fanaticos, uma macula na tua pureza, e tu acreditaste-os, creança, e comprimistes o seio para expungir o lodo da paixão mundana! Como deves ter soffrido! Quando os sentimentos se rebellavam contra o esforço cruel da vontade, debulhavas-te em lagrimas como uma

Magdalena, e ias humilhar-te aos pés d'um desalmado, que te apavorava com a pintura sinistra das fogueiras infernaes, ateiadas para consumirem eternamente os condemnados por amor. Não é verdade que te ameaçavam com a colera do juiz supremo, os hypochritas? Um dia descobriram-te no dêdo um fio d'ouro, o annel que te déra o noivo escolhido por teu pae, e n'esse dia chammejou com mais violencia o abysmo, escancarado para tragar-te! Abominação! horror! sacrilegio! Aquelle annel chumbava-te ao mundo, arrastava-te á perdição, era a algema de Satanaz: houveste de o arrancar com dôr. Pois não foi com dôr que lançaste de ti aquelle symbolo da nossa alliança, aquella memoria dos primeiros annos? Não soffreste, pensando que ias fazer-me soffrer? Oh! dize-m'o, dize-m'o para que possa perdoar aos teus verdugos!

Luiza

O que exigiram de mim foi para beneficio da minha alma. E' verdade que chorei muito... muito: mas se era um sacrificio feito a Deus! Olhe, primo, agora que tudo está acabado posso confessar-lhe que me custou a ser digna da graça e a seguir os conselhos dos padres, porque... não o tinha enganado, Ernesto, e foi duradoura no meu coração a lucta da fé... com os outros sentimentos.

Ernesto

Obrigado, Luiza.

Luiza

Mas não devo illudil-o, nem deixar-lhe esperanças, que nunca poderão realisar se. O meu ardente desejo, o meu firme proposito é consagrar-me a Deus: bem vê que é só Deus que lhe prefiro. Peza-me vel-o soffrer, agradeço-lhe a constancia do sentimento, a que oxalá me fôra licito corresponder..., mas o céu castigar-me-ia se renunciasse à victoria, que com o seu auxilio sobre mim ganhei. *(Com resolução.)* E' esta a ultima vez que fallamos do passado, porque tenho mêdo das recordações. Resigne-se, e se isso lhe póde

servir de consolação, saiba que a sua lembrança me perseguiu por muito tempo até no recolhimento da oração, e que ás vezes nem me atrevia a levantar os olhos para a imagem do Christo... porque não era essa bemdita imagem que eu via! Ai! que afflicções soffri! Não queira renoval-as, Ernesto, por compaixão, porque sou fraca e a justiça divina é inexoravel! Se fosse possivel que o amor renascesse em mim?!... Oh! não, nunca; seria uma impiedade! abrir-se-ia o inferno para me tragar! Oh! Senhor Deus, não me abandoneis! Ai! Ernesto, que era bem mais feliz na casa da religião! *(Prorompe em soluços.)*

Ernesto

(Pegando-lhe na mão, commovido.) Luiza!

Luiza

(Repellindo-o.) Deixe-me! Tenha dó de mim!... Não posso, não posso!

Ernesto

Não me chamou ainda agora irmão? Pois deixe-me fallar-lhe como a uma irmã, e pedir-lhe sómente que não decida da sua e da minha sorte antes de se haver certificado de que a vida aqui, no seio da familia, ao lado de seu pae, não a fará mudar de sentimentos, nem a demoverá dos propectos... que a piedade lhe suggerio. Até lá permitta-me esperar em silencio.

Luiza

E' inutil.

Ernesto

Supplico-lh'o, em nome da sua ventura e não do meu egoismo. Se fugir ao amor, ao consorcio christão, á familia, á maternidade, encontrará diante de si um vacuo immenso, em que soffrerá todas as privações da alma e todas as negações da felicidade, mas em que não gozará Deus. Quer consagrar-se á fé e á oração, Luiza? Pois não ha prece que chegue mais perfumada ao céu, do que a prece da mãe que passou pelos labios balbuciantes d'uma creança, ajoelhada

no seu regaço e unindo as mãos sobre o seu seio amantissimo. Que confissão de fé mais sublime do que o cumprimento religioso dos deveres da esposa, anjo da guarda, que desdobra as brancas azas sobre as existencias que une á sua? do que a abnegação e a constancia dos sacrificios maternos, mais heroicos que os dos martyres que sorriam ás féras e aos algozes? O lar é templo para todos os altares, ermiterio para todos os rigores da virtude, e até liça para os maiores heroismos. E hão de desertal-o as almas piedosas, para buscarem caminhos mais curtos e mais certos para o céu? Não os ha, Luiza: o fanatismo enganou-a!

Luiza

(Entre si.) Oh! que se assim fosse!

Ernesto

Eu não contrario a sua vocação; queixo-me do seu exclúsivismo. Disse que me preferia Deus: é piedosa a preferencia, mas não requer a minha desventura. Seja d'elle e minha, que a não ha de polluir a seus olhos o halito do meu amor. Porque não ha de contemplar a sua perfeição, repousando a fronte sobre o meu hombro? porque não havemos de o adorar juntos, agradecendo-lhe a ventura? A idéa de ser feliz parece-lhe uma impiedade? Deseja sacrificios, tormentos, dôres lancinantes para offerecer a Deus? Pois mais soffre a mãe vendo o filhinho estorcer-se nas vascas da morte, do que o asceta rasgando as carnes com os cravos do cilicio. O soffrimento anda n'este valle de lagrimas á procura do homem; não é necessario ir-lhe ao encontro. *(Acercando-se d'ella e tomando-lhe a mão.)* Luiza, Luiza, escute a voz do seu coração. Não lhe peço que renuncie improvisamente ao proposito que lhe inspiraram, mas, por Deus, espere e deixe-me esperar!.. Não se arreceie de mim, não me fuja, como se fugisse d'um perigo..., que respeito até os sentimentos crueis que me repellem. Sabe o que eu só lhe pediria agora, se o meu immenso amor lhe merecesse uma condescenden-

cia? Que conservasse aquelle annel, que já foi um symbolo de noivado...

Luiza

Isso nunca. Eu já lhe devolvi esse annel!..

Ernesto

(Mostrando um annel.) Eil-o-aqui... e só lhe pediria que o acceitasse novamente... para outra vez m'o devolver, mas espontaneamente, por sua livre vontade, depois de haver consultado o coração, se sentisse que me não amava nem poderia tornar a amar-me. Luiza, Luiza, não posso supportar a idéa de que esteja perdida para mim sem esperança!... Amo-a com tal violencia que...

(Joaquina apparece á porta do fundo, regressando do jardim.)

SCENA IX

Os mesmos e **Joaquina**

Joaquina

(Adiantando-se do fundo—com violencia.) Bravo! Bem aproveitaste a piedosa educação que recebeste, Luiza! Fiem-se lá n'estas santidades que cobrem o rosto com o véu, para que o não vejam olhos d'homem, e escutam com desvanecimento declarações d'amor. Sonsa! hypochrita! O que é feito d'essa tão apregoada modestia, d'esse devoto proposito de te consagrares a Deus? Os padres hão de saber tudo, deixa estar!

Luiza

Minha irmã... perdão!

Ernesto

Joaquina, não posso consentir....

Joaquina

Eu é que não hei de consentir que vingue o seu plano de

seducção. Se não fosse meu parente, prohibia-lhe tornar a pôr os pés n'esta casa, que enxovalha, fazendo-a scena de romances immoraes.

Ernesto

(Irado.) Julga que eu ignoro, que se ha romances immoraes...

Joaquina

(Assustando-se, mostra Luiza com a vista.) Ernesto!..

Ernesto

(Emendando-se)... se ha romances immoraes, nem d'elles suspeita a candura d'aquella creança, diante de quem seria irreverencia arrancar a mascara á hypochrisia. *(Volta as costas a Joaquina, que fica perplexa.)*

(Cáe o panno.)

ACTO SEGUNDO

A scena representa uma sachristia ou casa dependente d'egreja
Portas á direita, esquerda e fundo.

SCENA I

D. José e padre **Bergeret**

Bergeret

(Continuando uma conversação.) Então é coisa decidida a entrada das filhas do barão de Rio Branco para o nosso collegio?

D. José

E', mas custou-me a obter o consentimento da mãe. Repugnava-lhe a condição de só vêr as pequenas de quinze em quinze dias, e chegou a exigir licença para que ellas fossem passar todos os domingos a casa.

Bergeret

Não lh'a poderiamos conceder. As visitas das educandas ás familias são perigosissimas; ás vezes destroem n'uma hora o trabalho de mezes, oppondo-se á nossa a influencia dos paes nos tenros espiritos. Mas a baroneza desistiu da exigencia, não?

D. José

Está por tudo, mercê das minhas instancias.

Bergeret

Prestou um valioso serviço, D. José. Precisamos recrutar

proselytos na burguezia opulenta, porque se a nobreza é por nós, vae perdido o seu predominio n'esta sociedade revolta pelas sedições liberaes. Caminharemos de cima para baixo até chegar ao povo, que outros agentes do mesmo poder já andam predispondo para acceitar a tutella amoravel da egreja. E tem-se feito muito em pouco tempo, sr. D. José!

D. José

Certamente. Entretanto affigura-se-me que o triumpho da boa causa só poderá ser definitivo, quando se haja mudado esta fórma de governo. Estamos sempre arriscados a receber golpes profundos.

Bergeret

A mudança depois se fará, e ha de fazer-se por si mesma, esteja descançado. Minados os alicerces d'um edificio, não se requer grande esforço para derribal-o. Os liberaes deixam-nos trabalhar desimpedidamente, entretidos como andam pelas dissenções de familia; conseguimos revogar de facto a maior parte das leis que nos perseguiam, a ponto de não serem expulsos nem inquietados os membros da Companhia de Jesus, que se estabeleceram no paiz; temos protectores poderosos e dedicados, capazes de se affrontarem com os pedreiros livres, como succedeu em 1856; possuimos uma força de que os governos debeis se temem e alguns se aproveitam; conservamos sobre o espirito do povo uma influencia que felizmente não tem sido combatida por escolas, d'onde se propaguem as idéas modernas; e nutrimos, portanto, fundadas esperanças de que cêdo venha o dia em que colhâmos o fructo da semente, que nós e nossos irmãos vamos espalhando n'este chão fertil e mal guardado. Deus torna insensatos os que quer perder, e d'esta verdade são exemplo os liberaes portuguezes, que apenas venceram logo se desarmaram, e tendo em 1834 serrado ao rez do sólo a arvore secular, d'onde se cortam taboas para o throno legitimo e hastes para a cruz theocratica, entenderam desnecessario desencravar-lhe as raizes, como se das raizes conser-

vadas vivas na terra não rebentassem vergonteas, e as vergonteas se não tornassem, como o tempo, troncos rijos e frondosos! O Senhor feriu-os com a demencia, como outr'ora ao soberbo rei de Babylonia, para vingar os filhos dispersos e captivos da Jerusalem christã: bemdito seja o seu nome! *(Mudando de tom.)* Continuemos na nossa pratica. Que mais informações nos trouxe? Averiguou em que relações está agora a D. Anna da Silveira com o esposo?

D. José

Não tornei a visital-os desde que elle me tractou grosseiramente. Mas o creado de mesa disse-me que a D. Anna, cansada do despotismo do marido, se rebellára abertamente e ia lá em casa o inferno.

Bergeret

E da velha marqueza, o que sabe?

D. José

O padre Mallet póde informal-o melhor do que eu, porque lhe não tem desamparado a cabeceira; mas consta-me que está devéras inimisada com o genro, e é quasi certo dispôr da terça em favor da irmã.

Bergeret

Assim seja, porque a irmã é temente a Deus e boa catholica. Por isso a temos ajudado com dedicação, observando o preceito de servir quem nos serve. Tambem tenho pensado na sua situação, D. José, porque o amo como a filho e somos muito gratos aos seus bons serviços...., e assentei em que lhe convinha... casar.

D. José

Casar rico!

Bergeret

Casar com mulher pobre seria augmentar a pobreza do que se lastíma. Talvez que já lhe houvesse indigitado noiva

se não me constasse que fizera promessas a D. Joaquina de Magalhães.

D. José

Promessas que não ligam, padre. Estou livre, embora preferisse a outro o enlace com D. Joaquina, que me ama e é formosa.

Bergeret

Tinha-me lembrado de que lhe conviria a mão da baroneza de Selgas. Até me pareceu que lhe fazia a côrte.

D. José

Oh! se convinha! A baroneza é immensamente rica, não me desagrada, e affigura-se-me... que tambem lhe não sou desagradavel.

Bergeret

Pois averiguaremos isso. Entretanto peço-lhe que não tire a esperança a D. Joaquina. E' excellente senhora, e precisamos muito da sua cooperação n'uma grande obra de piedade. Não se decida por agora.

D. José

Não decido, não. Ainda que... D. Joaquina desbaratou a fortuna, e não sei se possa esperar que ella volte a ser rica. *(Como para sondar Bergeret.)* Que me diz, padre?

Bergeret

Que de toda a maneira casará rico. Fio-lh'o eu, que me constituo procurador dos seus interesses.

D. José

Obrigado! E em que poderei ser-lhe util? Ordene e obedecer-lhe-hei. Posso servil-o m alguma cousa no tocante a D. Luiza de Magalhães? Dizem que Ernesto, seu destinado noivo, tem feito progressos no coração da donzella, e que é para receiar-se que a sua vocação religiosa ceda ao amor.

Bergeret

Estou sem receios, porque bastará uma palavra minha

para desvanecer o effeito de todos os poemas, que lhe possa ter recitado o primo. Oh! aquella é nossa e bem nossa! Conto com a sua docilidade até para nos trazer o pae e reconcilial-o com a religião, e essa é a empreza que mais tenho a peito, porque o seu bom exito seria um esplendido triumpho para Deus e a sua causa.

SCENA II

Os mesmos, **D. Joanna** e **Ruy de Vasconcellos, condessa de S. Fructuoso, baroneza de Selgas, João de Albuquerque, D. Joaquina**

D. Joanna

(Entrando, seguida de Ruy.) Ai! que sou a primeira a chegar! *(A Ruy.)* O' menino: disse ao cocheiro que voltasse ás duas horas?

Ruy

Sim, minha tia.

D. José

(Cumprimentando.) Sr.ª D. Joanna de Vasconcellos!

Bergeret

Ninguem mais zelosa do que v. ex.ª no serviço divino. E a sua preciosa saude como vae?

D. Joanna

Eu sei lá que cousa é saude! Sabe Deus com que sacrificio me arrastei até aqui, para orar ao glorioso Santo Ignacio! Estou muito mal, padre Bergeret, muito mal! *(Tosse ligeiramente.)* Veja que tosse esta! Toda a santissima noite andaram as creadas de roda da minha cama, pondo sinapismos, mudando sinapismos, fazendo fricções, dando-me tisanas: nenhuma d'ellas pôde pregar olho—vejam a minha desgraça! Tinha espasmos no estomago, e fartei-me de fazer cruzes com

agua benta, sem sentir allivios. O' padre, sabe d'algum remedio para espasmos no estomago?

Bergeret

Eu lhe digo, minha senhora... Mas v. ex.ª aqui não está bem: póde-lhe vir ar d'aquella porta.

D. Joanna

E' verdade que mesmo agora senti uma picada d'este lado do peito. *(A Ruy, mostrando-lhe uma cadeira.)* O' menino, mude essa poltrona para aquelle canto. *(Para Bergeret.)* Ali estarei mais abrigada, não lhe parece? As correntes d'ar são-me muito prejudiciaes. Parece que já tenho mais tosse. *(Tosse levemente.)*

Bergeret

(Adiantando-se a Ruy, que vae para abedecer á tia.) Não se incommode, sr. D. Ruy. Permitta que me empregue no serviço de sua tia.

(Leva a poltrona para o fundo, e fica a conversar com D. Joanna.)

D. José

(A Ruy—no primeiro plano.) Então por cá, sr. Vasconcellos? Vem assistir á festividade?

Ruy

Vim vêr a pequena, que é cá a minha devoção. Pois bastante me custou a saltar da cama!

D. José

Deitou-se tarde, talvez?

Ruy

De madrugada, quando me deixaram sair do Carmo. Mas que grande brodio, que nós fizemos! Imagine: eramos cinco, fóra duas mulheres, e bebemos vinte garrafas d'um vinhinho que tem agora o Baldanza, que aquillo é mesmo de estallo. O peior foi que o Taveira entortou-se, quiz-se metter comigo, e eu que estava com os meus azeites...

D. Joanna

O' Ruy, traga-me uma almofada para os pés, que me estão arrefecendo. Olhe: dê cá tambem a capa para enrolar nos joelhos.

Ruy

(A D. José.) Se ella tivesse bebido como nós, não tinha frio. *(Obedece a D. Joanna.)*

Condessa

(Entrando sacudidamente da direita.) Que impertinencia! que atrevimento! E não ha policia para evitar estes desafôros!

Bergeret

(Indo-lhe ao encontro.) Que lhe succedeu, sr.ª condessa, que tão irada vem?

Condessa

(Cumprimentando.) Adeus, D. Joanna... Meus senhores! *(A Bergeret.)* Protesto não tornar mais a pôr pé na rua: é o unico meio de escapar a semsaborias d'estas!... Foi um rapaz, um mendigo roto e immundo, que me seguio, pedindo esmola, desde o principio da rua até aqui, e ao pé da porta, como eu não fizesse caso d'elle, atreveu-se a pegar-me na mão. *(Olhando para as mãos.)* Não sei até se me sujou as luvas. Naturalmente quiz vêr se podia arrancar-me o bracelete.

Ruy

Não estar eu lá, que lhe dava a esmola d'um sopapo!

Condessa

Estive quasi a gritar: ó da guarda! Anda a cidade tão içada d'estes vagabundos, que é mesmo um perigo sair de casa sem ser de trem. E depois em que estado elles se apresentam á gente: sujos, esfarrapados, cheirando mal; ao menos deviam ser obrigados a andar aceiados e bem cobertos. *(Reparando em quem está.)* Então estamos só nós? A que horas começa a festa?

Bergeret

Ás onze horas, sr.ª condessa.

Condessa

Pois em sendo onze horas não se deve esperar por ninguem, senão acaba isto a umas horas impossiveis. Essas senhoras devem saber que não sômos suas criadas. *(Dirigindo-se para D. Joanna.)* Tenho muito que lhe contar, D. Joanna.

D. José

Vão apparecendo todos.... Ahi está a sr.ª baroneza de Selgas.

Bergeret

(Dirigindo-se á baroneza no momento em que ella entra.) Já tinha dito que v. ex.ª não podia faltar a esta piedosa reunião: onde se tracta do culto, ahi está v. ex.ª sempre incansavel em glorificar o Creador.

D. José

(Acercando-se da baroneza e cumprimentando-a.) Sempre o anjo bom da pobreza e a fascinação dos corações. Sem peccado, mas fazendo peccar d'amor.

Baroneza

(Sorida.) Galanteios, quando eu me preparei para ouvir a palavra do Senhor?! Padre Bergeret: pois ha serpentes n'este Eden de devoção?

Bergeret

Se as houvesse, tambem haveriam virtude e temor de Deus para lhes esmagarem as cabeças.

Condessa

(Ao fundo, em conversação exaltada com D. Joanna.) Ora essa! Nunca ouvi a ninguem semelhante cousa! Zombaram da sua simplicidade, minha boa amiga!

D. Joanna

(Abespinhada.) E eu não tenho culpa da sua ignorancia, minha senhora.

Condessa

Comprehendo a intenção do desconchavo, D. Joanna, e acho-a pouco caridosa.

D. Joanna

Desconchavo?... Espere que eu lhe diga já! Padre Bergeret, pois não sou eu que tenho rasão? *(Faz menção de levantar-se.)* Ai! as minhas dôres! Ai que tenho um pe dormente!

Condessa

(Descendo do fundo, para Bergeret.) A D. Joanna imaginou sobresaltar-me a consciencia, dizendo que era peccado....

D. Joanna

E peccado grave: estou na minha. O' Ruy, olhe essa almofada que me fugiu de baixo dos pés.

Bergeret

Mas de que se tracta, minhas senhoras?

Condessa

D'um assumpto de toucador. Ora se ha um disparate assim! Diz ella que os santos padres escreveram contra o uso de tintas e elixires para aformosear o rosto! Vejam se é possivel que os doutores da egreja tivessem brigas com os perfumistas, e se mettessem com o *toilette* das senhoras!

Bergeret

Pois é certo que alguma cousa escreveram n'esse sentido.

D. Joanna

Não lh'o dizia eu? Ahi está o que é a presumpção!

Condessa

O que? pois é certo? Ora que sensaboria! Então, segun-

do o *Journal des Dames* de S. Bernardo ou S. Agostinho, é prohibido...

Bergeret

Comvém fazer uma distincção, minhas senhoras. Eu explico a v. ex.as como é a opinião d'alguns casuistas... *(Dirige-se a conversar com D. Joanna.)*

Condessa

Ai! eu dispenso as explicações. Os santos padres que tenham paciencia, que não lhes deixo pôr os pés no meu *boudoir*. Sempre houve santos muito pouco amaveis!

Albuquerque

(Entrando da esquerda.) A paz do senhor esteja n'esta casa... pois que lá fóra anda o diabo á solta, insultando Deus e os seus mandamentos!

D. José

Succedeu-lhe algum mal, sr. Albuquerque?

Baroneza

Ai! meu Deus, como está vermelho!

Albuquerque

E escapei por pouco d'uma apoplexia. Padre Bergeret, estes pedreiros livres querem a nossa morte!

D. Joanna

Está-nos assustando, senhor. Eu já estou toda n'uma convulsão.

Bergeret

Meu bom amigo, socegue!

Albuquerque

Impios, atheus, blasphemos; e não os engole a terra como a Dathan e a Abiron! Deus está sendo d'uma clemencia realmente censuravel, padre Bergeret! Escarneceram de mim, os philisteus, e arrojaram-me pedradas! Mas eu lhes direi no jornal. Hei de assanhar contra elles todas as viboras do meu estylo!

Bergeret

Mas ainda não explicou....

Albuquerque

Estive a ponto de soffrer o martyrio por prégar a lei de Deus: eu lhes conto, para que vejam como já não ha n'este paiz senão sordida cobiça e despreso pela religião. Tinha observado que no predio que está em obras na rua do Regedor se trabalhava ao domingo, e escandalisára-me profundamente similhante abominação. Não conhecia o proprietario, um fulano da *Camara*, mas fui ter com elle, e enchendo-me de santa indignação lembrei-lhe em phrases vigorosas que estava perdendo a sua alma e a dos operarios, que trazia assalariados, e emprazei-o para que guardasse e fizesse guardar os domingos e festas da egreja. Pois sabem o que ousou o miseravel?

Ruy

Deu-lhe com um sarrafo na cabeça, não?

Albuquerque

Disse-me que não tinha nada comigo, que não prestava ouvidos ás minhas palavras porque eram inconvenientes e grosseiras, e que me pozesse no andar da rua. Inconvenientes e grosseiros os mandamentos da santa egreja! Repellir brutalmente quem ia, inspirado pela caridade christã, exhortal-o á penitencia! Deixa estar Golias, Sardanapalo, Antechristo, Satan, que eu te traçarei uma cruz nos lombos com o aço da penna! Has de beber o fel e o vinagre da minha tinta, máu ladrão! A que tempo chegámos, padre Bergeret, a que tempo chegámos!

Bergeret

E que lhe havemos de fazer, senão ir soffrendo com resignação e pondo a esperança em Deus!

Joaquina

(Que tem entrado durante a jeremiada de Albuquerque. — A Ber-

geret, á parte.) Padre Bergeret, preciso que me ouça antes de ir para a egreja.

D. Joanna

Deixam trabalhar os operarios ao domingo, e não querem que haja revoltas como as de Alcoy e Carthagena!

Condessa

Eu bem digo que se está fazendo sentir a necessidade d'um diluvio.

D. Joanna

Isso não, condessa, isso não por causa das constipações e dos rheumatismos. Por muito agasalhado que se estivesse dentro da arca, sempre se havia de sentir a humidade.

Ruy

(Gracejando, a D. Joanna.) Ó tia, se houver diluvio já peço um logar na arca para o meu cavallo baio.

Bergeret

Meus senhores, são quasi horas de começar a festividade. Querendo v. ex.as, podem ir buscar as filhas de Nossa Senhora, para as acompanhar á egreja. Ellas estão reunidas no oratorio. *(Movimento para sairem os personagens para a esquerda.)*

Albuquerque

Vamos, vamos pedir a Deus que seque os braços que transgridem o preceito do Senhor e paralyse a lingua dos que ordenam a transgressão! Ah! meu dragão do Apocalypse que eu te arrancarei as escamas! *(Sáe pela esquerda.)*

D. José

(Acércando-se de D. Joaquina—á parte.) Ha alguma novidade, Joaquina? Pareces-me agitada!

Joaquina

(Á parte, a D. José.) Olhe que a baroneza de Selgas está reparando em si. *(Volta-lhe as costas.)*

D. Joanna

(Levantando-se da poltrona.) Ai! que me não posso levantar... dão-me tonturas. Valha-me Deus com tanto soffrer! *(A Bergeret.)* Ó padre, mandou pôr almofadas no côro, para eu ajoelhar? *(Sáe para a esquerda. Sáem a Condessa, Ruy, D. José e a baroneza de Selyas.)*

SCENA III

Joaquina e **Bergeret**

Joaquina

Estava anciando por fallar-lhe. As cousas vão mal, muito mal. Não era sem motivo que me arreceiava de Ernesto.

Bergeret

O que succedeu, pois? Está-me assustando!

Joaquina

A sua obra corre risco de perder-se. Ernesto, que não desistiu de perseguir minha irmã sollicitando-lhe o amor, está a ponto de triumphar.

Bergeret

Que me diz?

Joaquina

A triste verdade. Lembra-se d'aquelle annel, penhor de alliança, que por seu conselho Luiza devolveu ao primo? Pois vêl-o ha brilhar na mão de minha irmã.

Bergeret

Tão cêdo se esqueceu ella dos seus protestos? Oh! mulheres, mulheres! Está então tudo perdido? Luiza foge-nos para os braços d'um marido?

Joaquina

Ainda não, mas é visivel que já a domina o sentimento que julgavamos morto em seu coração. Não se comprometteu a dar a mão a Ernesto, mas transigiu com elle e comigo mesma, promettendo-lhe não decidir do futuro sem haver consultado longamente os sentimentos.

Bergeret

Valha-nos Deus! *(Reflectindo.)* E preciso dar um golpe certeiro e decisivo: já assentei no que urge fazer. Será talvez cruel, mas ha de ser salutar. Hoje mesmo tornarei Luiza docil e submissa como nunca foi.

Joaquina

Hoje mesmo? Como? O que tenciona fazer?

Bergeret

Vel-o-ha. Gosto de usar de brandura, mas casos ha em que o rigor é indispensavel. O essencial é produzir no espirito de sua irmã uma impressão profunda, que a determine... Ahi vêem as nossas devotas.

SCENA IV

Os mesmos, **Luiza, D. José, baroneza de Selgas, condessa de S. Fructuoso, D. Joanna de Vasconcellos, Ruy, Albuquerque, duas irmãs da caridade, filhas de Nossa Senhora e collegiaes.**

(Entram da esquerda as filhas de Nossa Senhora com os emblemas da corporação, acompanhando-as duas irmãs da caridade, e vindo entre ellas Luiza. Seguem-n'as os outros personagens, conversando.

Bergeret

(Indo ao encontro das recem-chegadas.) As bençãos do Senhor desçam sobre as vossas cabeças! *(D. Joaquina vae fallar com*

algumas das filhas de Nossa Senhora.) Reunimo-nos hoje, filhas, para celebrar com a oração um dos dias mais festivos para a egreja, e dos que mais recordam aos espiritos piedosos as virtudes excelsas dos heroes do christianismo.

D. Joanna

(Interrompendo-o.) Se nos demoramos aqui vou sentar-me, porque estou com tremuras nas pernas. De pé é que eu não posso estar.

Bergeret

(Voltando-se para D. Joanna.) Vou dirigir ás nossas santas algumas palavras de exhortação, minha senhora. *(D. Joanna dirige-se para o fundo, onde se senta.)*

Ruy

(Á parte a D. José.) O padre está massante. Ora eu sempre cáio em araras!

(Todos se preparam para ouvir Bergeret, formando grupos.)

Bergeret

Minhas filhas, a egreja resa hoje de Santo Ignacio de Loyola, *(Albuquerque assoa-se com estrepito.)* o bemaventurado fundador da milicia espiritual, que combateu com as armas da fé e da sciencia a heresia suggerida por Satanaz a um frade apostata e devasso, que para cevar paixões ignobeis se rebellou contra a auctoridade dos successores de S. Pedro. Os philosophos do fim do seculo passado cuspiram sobre a companhia de Jesus a peçonha das suas almas de reptis, e ainda hoje a perseguem e ultrajam os atheus, os pedreiros-livres e todos os libertinos, que se empenham em arrancar a fé dos corações dos povos, egualando-os ás bestas feras, para depois os açularem contra os reis investidos por Deus e a egreja instituida por seu filho.

Julia

(Uma das creanças, que acompanham as irmãs — á parte a Albu-

querque.) Ó sr. Albuquerque: os judeus que crucificaram a Christo eram pedreiros-livres?

Albuquerque

Por força que eram: e Herodes tambem.

Bergeret

Mas contra a obra de Ignacio de Loyola não prevalecem as portas do inferno, estendendo-se-lhe por especial privilegio a immunidade de que gosa a egreja. *(Ouve-se rumor de vozes e risos da Condessa, que conversa com Ruy.)* Schiu!... Sim, minhas filhas, é gloriosa, sublime, heroica, a lucta de paciencia, de tenacidade, de soffrimentos devorados em silencio, que têm sustentado os membros da companhia de Jesus, dispersos pelo mundo, contra Belial e seus adoradores. Onde a intolerancia dos Neros e Domicianos da liberdade não lhes consente o apostolado, tomam os jesuitas outros nomes, vestem outros habitos, mas não deixam o rebanho sem pastores. A impiedade julga tel-os affugentado, e elles, os intrepidos legionarios da cruz, andam-lhe nos dominios resgatando almas, e nos paizes onde lidam e evangelisam a religião recupera o prestigio e o poder ecclesiastico sacode o jugo ignominioso, para levantar-se, como no Brazil, a arcar com o estado blasphemo e preparar a victoria pelo martyrio.

Baroneza

(A D. José, com quem conversa á esquerda do primeiro plano.) Assim será, mas noto que D. Joaquina olha para v. ex.ª como quem tem direito de estranhar o nosso colloquio. Sr. D. José, veja se me expõe a alguma scena escandalosa de ciumes.

Condessa

(A Ruy, com quem conversa á direita do primeiro plano.) Parece-me que a baroneza e D. José não estão muito edificados com as virtudes de Santo Ignacio: ora repare.

Ruy

Talvez que ella lhe esteja aconselhando que faça voto de castidade, como os jesuitas.

Bergeret

Mas afóra a influencia salutar que exerce na sociedade, a companhia de Jesus dá exemplo perpetuo de trez grandes virtudes, das que mais perfumam a alma e que mais vos recommendo: a humildade, a obediencia e a pureza.

Joaquina

(Que tem dado signaes d'irritação, vendo D. José conversar muito amavelmente com a baroneza de Selgas.) Ó sr. D. José . . ! *(Passa para o lado de D. José.)*

Albuquerque

(Impondo silencio, grosseiramente.) Schiu!

Joaquina

(Voltando-se para Albuquerque, irritada.) Sr. Albuquerque, parece-me que foi menos cortez.

Albuquerque

Ai! minha senhora, mil perdões! Não suppuz que fôra v. ex.ª quem interrompêra a palavra do apostolo.

Joaquina

(Com alguma confusão, a Bergeret.) Desculpe-me padre: lembrei-me de repente de que tinha que fallar com o sr. D. José... ácerca... d'uma obra de caridade. *(Dirige-se para D. José.)*

Albuquerque

(A' Condessa, á parte.) Que descomedimento, meu Deus! Parece incrivel que seja uma senhora de bons principios!

Ruy

Estava tão cheia de ciumes que estoirou. Ai! que farça!

Condessa

Quiz dar nas vistas a proposito da virtude da puresa.

Bergeret

(Continuando.) É pela puresa que a mulher mais se assi-

milha a Maria, se é possivel que a nuvem se assimilhe á luz, o barro humano ao sopro do creador. Ah! minhas irmãs, defendei-vos das instigações da carne e das ciladas em que ella procura fazer cair a alma! Quando sois admittidas n'esta santa confraria, o que a sua padroeira exige da vossa devoção, antes que a esmola, antes que a prece, é a puresa do corpo, que é impossivel sem a puresa da alma.

Julia

(Á Condessa, áparte.) Ó prima, que coisa é a puresa?

Condessa

Ora! É trazer sempre as mãos limpas, e não deixar cair nodoas no fato, como tu fazes.

Bergeret

Sim, minhas filhas, sois as ovelhinhas amadas do pastor, porque sois candidas; repassa-vos a graça do céu, como os raios do sol repassam o chrystal, porque como elle sois immaculadas. Que santa instituição esta, que enramilheta as flôres sem roçadura no esmalte da corolla para as consagrar á Virgem! E quão despresivel e criminosa não seria aquella de vós, que podendo ser um anjo no empyreo, preferisse ser barro e lama na terra? Mas vós sois vasos de eleição, que não contêm as fezes das paixões mundanas, sois a alegria do pae celestial, e todos os vossos pensamentos, todos os vossos... *(Suspende-se improvisamente, e leva a mão ao coração.)* Que dôr é esta que me trespassa o coração?... Meu Deus, será possivel? Parece que vejo Satanaz escarnecendo das minhas palavras, oiço uma voz que me falla ao espirito!... Sim! sim! Ó fragilidade humana! *(Com voz estrepitosa.)* Filhas de Nossa Senhora, qual d'entre vós peccou?

(Momento de silencio e espanto. Luiza mostra-se agitada e receiosa.)

Bergeret

(Fallando, como inspirado.) Eu vou, senhora, e tomarei sobre os hombros a ovelha que se desgarra! Mas onde a en-

contrarei? *(Percorrendo com a vista as filhas de Nossa Senhora.)* Qual é de vós que veiu á presença da Virgem com o coração abrazado por uma paixão carnal? que lhe trouxe uma offerenda de lôdo e peçonha? que, misturada com as suas servas fieis, está sendo a seus olhos como um tição n'um canteiro de lyrios? Alguma é, alguma começou a resvallar para o abysmo!

Luiza

(Afflicta, erguendo as mãos.) Meu Deus!

Bergeret

As mãos que alevanta para o céu estão arroxadas de as estreitarem outras mãos febris. *(Luiza forceja por encobrir a commoção)*—Mas quem é essa desventurada, Senhora, que quero orar por ella para que lhe perdoeis as penas eternas?—Procurae, procurae, *(Luiza está no auge da angustia.)* que a culpa sobe ao rosto e soluça na garganta! Procurae, que achareis sobre ella, como um adorno, o penhor da alliança com Satanaz!—E não lhe queima as carnes com um ferro em braza? E está já tão endurecida no peccado, que o não arroja de si, caindo com a face no chão e implorando misericordia?

Luiza

(Arrancando o annel do dêdo, atirando-o para longe de si, e caindo m joelhos.) Perdão, meu Deus, perdão!

Todos

Luiza!

Bergeret

Luiza?! É possivel, Senhor? Pois a pomba ainda hontem saida do ninho já polluiu as azas, roçando-as pela lepra do mundo? Ó mundo malvado, mundo de abominação, que roubaes ao Senhor os seus anjos!

Joaquina

Padre, padre, compadeça-se d'ella!

Bergeret

E que outro sentimento, senão o da compaixão, póde ins-

pirar esta filha prodiga, que quer fugir da casa do pae celestial?

Luiza

(Supplice.) Mas eu arrependo-me, e quero fazer penitencia. Padre, não me abandone á cólera divina!... A peccadora humilha-se, arrasta-se no pó e confessa em altas vozes a sua culpa. Sim, é verdade, não tive força para repellil-o, e senti que o amava. Oh! não me amaldiçôe... bem sabe que era um amor d'infancia! As suas palavras alvoroçavam-me o seio, paralysavam-me a vontade, entorpeciam-me como um magnetismo: queria fugir-lhe e não podia! Fiz mal, confesso-o e supplico a Deus que me perdôe, mas... não podia, não podia! O sentimento que me dominava era irresistivel, e só Deus sabe o esforço que tive de fazer... para não lançar os braços ao pescoço de Ernesto, dizendo-lhe: amo-te, amo-te, e ainda que Deus me castigue..! Bem vêem que não quero attenuar a minha culpa. Elle promettia-me uma ventura ineffavel e eu acreditava-o: acreditei até que o céu não poderia offender-se de que eu desejasse ser venturosa! Foi uma fraqueza enorme, mas não foi uma revolta, e se...

Condessa

(A Albuquerque, a meia voz.) É o costume: todas se perdem por fraquesa!

Luiza

(Ouvindo a Condessa, e levantando-se.) Perdida? Ella diz que me perdi? Oh! que não mereci esta affronta! *(Com dignidade, á Condessa.)* Senhora, eu faltei a Deus mas não á honra; sou uma peccadora mas não uma mulher perdida! *(Soluçando, e abraçando-se á irmã.)* É demasiado severo o meu castigo! Joaquina, minha irmã, dize-lhes que a minha culpa não manchou o nome de meu pae, senão morro de vergonha!

Condessa

Perdão: eu não quiz dizer...

Bergeret

Deus bem o sabe, filha, e grande favor lhe mereceis pois que me advertiu do perigo que corrieis para que vos acudisse e salvasse. *(Voltando-se para os assistentes.)* Senhores, ide louvar a misericordia infinita *(A Luiza.)* Luiza, os ministros da egreja tem o poder de perdoar em nome do céu: vinde a mim!

(Sáem todos com sussurro, menos Bergeret, Luiza, Joaquina e D. José).

Joaquina

(Beijando a irmã e deixando-a—A Bergeret, á parte) Foi cruel, padre!

Bergeret

(A Joaquina.) Dôce crueldade a que redime! *(A Luiza.)* Irmã, venha offerecer a Deus a contricção que elle lhe inspira.

(Sáe pela esquerda, levando Luiza.)

SCENA V

Joaquina e **D. José**

Joaquina

(A D. José, que vae para sair pelo fundo.) D. José!

D. José

(Voltando-se.) D. Joaquina!

Joaquina

Preciso uma explicação.

D. José

Mas... a missa vae começar.

Joaquina

Que a oiça quem poder ouvil-a com o espirito tranquillo.

Diga-me: presenciou uma scena cruelissima, não é verdade? Viu minha irmã alanceada, humilhada, coberta de vergonha?

D. José

O padre Bergeret foi inconveniente.

Joaquina

E pensou em que a pobre creança soffria por si e por mim, e para a nossa commum felicidade? Não: em quanto a sua victima, a nossa victima, se estorcia no supplicio, fallava d'amor á baroneza de Selgas. È um miseravel, D. José!

D. José

Não fallava tal. È o ciume que te faz crêr...

Joaquina

Tive ciumes, é certo, e tantos senti que não poude dissimulal-os.

D. José

Não queres comprehender-me! Bem sabes que convém mascarar os nossos amores: é por isso que eu...

Joaquina

Outra invenção engenhosa! Occultas o amante de Joaquina de Magalhães com a mascara de amante da baroneza de Selgas, e ella compromette-se generosamente para que se não suspeite de mim! Não é este o conto?

D. José

Bem sabes que te amo, Joaquina. Queres que te diga tudo: se ás vezes não evito que sintas ciumes, é porque sei que o ciume aferventa essa paixão, *(Com meignice.)* que é toda a minha ventura!

Joaquina

Embusteiro!

D. José

Não posso amar outra mulher.

Joaquina

Talvez que não possas amar nenhuma; mas amo-te eu, por vergonha minha, e não quero ser ludibriada. Felizmente que vejo proximo o termo d'este martyrio a que me condemnei, porque presinto que Luiza não sairá d'ali *(Apontando para a esquerda.)* senão irremediavelmente perdida para o amor e para a ambição de Ernesto.

D. José

Resolvel-a-ha o padre definitivamente a professar?...

Joaquina

Como te animas! É possivel; o ensejo é favoravel.

D. José

E n'esse caso...

Joaquina

O que ha de fazer a pobre filha de S. Vicente de Paulo, senão doar os seus bens á irmã, que ama? Não viste como ella se abraçou comigo?

D. José

Coitada!

Joaquina

È lisongeira para mim essa compaixão! Achas-me má, hypochrita, desalmada? Pois lembra-te de que o sou por tua causa, e compara os meus direitos sobre ti aos d'essa tola, a quem andas requestando! E vêr-me obrigada a defender d'ella o meu amor! e ter de descer a esta baixesa de seduzir-te a fidelidade com a promessa d'uma fortuna! Ai! D. José, que me assombro de mim mesma e da minha humilhação! O que são mulheres, e que maldito sentimento é o amor! Já não ha em mim altivez nem brio; ferem-me nos seios d'alma, e não tenho coragem para me rebellar contra a mão que me feriu; os mesmos ciumes me não levantam d'este abatimento vergonhoso; sou uma escrava, uma miseravel, uma desgraçada!

D. José

(Meigamente.) O porvir te indemnisará de quanto tens soffrido!

Joaquina

Juras-m'o? Asseveras-me que não tenho a receiar da baroneza? Mas se assim é, se me amas, poupa-me o tormento do ciume e o inferno da duvida!

D. José

Não te darei o menor motivo de queixa, Joaquina. Mas não dêmos em espectaculo os nossos amores; e não façamos murmurar de nós. Olha: demais nos têmos demorado aqui.

Joaquina

Pois vamo-nos. Lembra-te de que vão ser corôados pelo exito os nossos esforços. *(Sáem pelo fundo.)*

SCENA VI

Luiza e padre **Bergeret**

(Entram da esquerda.)

Bergeret

Agora, o Senhor te dará forças, porque lhe pertences, e te defenderá, como a coisa sua, para glorificação do seu nome. Não sentes a consciencia mais tranquilla?

Luiza

Sim, meu padre. E ninguem poderá já duvidar da minha innocencia, como ainda agora: não é verdade? O proprio Ernesto, sabendo que já não posso pertencer-lhe, desistirá de perseguir-me. Não imagina de que grande peso me sinto alliviada! Já não são possiveis as hesitações: está tudo decidido para sempre. A lucta que rugia cá dentro acabou e vou gosar socego. Obrigado pelo bem que me fez.

Só uma coisa me pesa... mas será um sacrificio para offerecer ao céu!

Bergeret

O que é?

Luiza

E' o desgosto que causará a meu pae a minha deliberação. Coitado, elle está tão enfermo e acabado!

Bergeret

E havias de deixar-te guiar por um cego?

Luiza

Mas... é meu pae, e eu amo-o.

Bergeret

Nosso pae está no céu, Luiza, e elle approva-te e lança-te a sua benção. Se teu pae, segundo a carne, se affligir, a sua afflicção será a que sente o inferno quando um peccador se salva e um santo ascende á gloria.

Luiza

Mas elle é tão bom... tão extremoso. Oh! que se eu podesse salval-o!

Bergeret

E porque não se verificará esse milagre? Milagre lhe chamo, porque teu pae é um grande peccador, que desagradeceu á Providencia o talento que lhe accendeu no cerebro e a eloquencia que lhe pôz nos labios, empregando os seus dons em diffamar o Christo e a sua esposa. E que grande mal elle fez! e quantos e quantos reprobos foram precipitados no fogo eterno pelas suas palavras e pelos seus escriptos! Os inimigos da fé saudavam-n'o como a chefe, e elle guiava os pagãos á perseguição dos apostolos e confessores. Quando esta terra hospitaleira se cobriu d'infamia, expulsando as filhas de S. Vicente de Paulo, que os proprios selvagens amam como anjos de caridade, quando o populacho ebrio as martyrisou com apupos e pedradas, e a negregada imprensa lhes trespassou os corações accusando-as de cor-

romperem a infancia, Carlos de Magalhães foi um dos mais encarniçados algozes das virgens do Senhor, e grande deve ser a clemencia, que lhe perdôe tão monstruoso crime, que aos olhos de Deus é uma impiedade e aos olhos do mundo uma covardia!

Luiza

Se eu podesse dar a minha vida para lhe expiar a culpa! Se conseguisse á força de supplicas reconcilial-o com a egreja!

Bergeret

E' louvavel esse empenho, e . . . ainda que teu pae o não merece, exhorto-te a que não o abandones. Em verdade que a victoria sobre elle seria mais brilhante do que a alcançada sobre ti mesma. O arrependimento do velho peccador seria mais agradavel do que foi a consagração da virgem. Oh! Luiza, como serias grande e sublime se triumphasses da impiedade na pessoa de um dos seus mais formidaveis campeões! Assimilhar-te-ias aos vultos gigantes do Velho Testamento, ás Judiths e ás Deboras, e o teu nome seria abençoado. . .

Luiza

Não desejaria mais recompensa que o perdão de Deus para meu pae. E talvez que o obtenha. . . elle ama-me tanto, que não resistirá ás minhas supplicas e lagrimas! Vou dedicar-me toda á piedosa empresa. Que alegria immensa se podesse vêr levantada a maldição divina que pesa sobre os meus! E Ernesto? Ai, padre, padre, porque não hão de os que eu amo amar como eu o Salvador?!

SCENA VII

Os mesmos, **Ernesto** e depois **Joaquina**

Luiza

(Vendo Ernesto entrar precipitadamente da direita.) Ernesto!

Bergeret

(Á parte) O que o trará aqui?

Ernesto

Luiza, seu pae chama-a. Onde está Joaquina? Que venha tambem.

Luiza

Meu pae chama-nos? O que succedeu? Estará elle peior?

Ernesto

Não se assuste. E' verdade que peiorou... mas não está em perigo de vida.

Luiza

O primo que vem chamar-nos com tanta precipitação, é porque o assustou o seu estado. Oh! meu Deus, não consintaes que elle morra sem o tornar a vêr! Eu vou, eu vou. E a Joaquina? onde está ella?

Bergeret

A sr.ª D. Joaquina está na egreja.

Luiza

Eu vou por ella. Meu pobre pae!

(Sáe pelo fundo, correndo.)

Bergeret

(A Ernesto.) É realmente perigoso o estado do sr. Carlos de Magalhães?

Ernesto

Perigosissimo. Sobreveiu-lhe uma crise, a que póde succumbir dentro de poucas horas.

Bergeret

(Assustado.) Dentro de poucas horas? Mas então, é preciso.... *(Suspende-se.)*

Ernesto

É preciso?

Bergeret

Salval-o.

Ernesto

A medicina esforça-se para alongar-lhe a vida.

Bergeret

Referia-me á salvação da alma, senhor. E mostrou desejos de vêr as filhas?

Ernesto

Não quer morrer sem se despedir d'ellas: é pae amantissimo. Tambem tem empenho em vêr realisado, antes de deixar o mundo, *(Com intenção.)* o meu enlace com Luiza.

Bergeret

(Com malicia.) Coitado! Ignora que esse enlace é impossivel!

Ernesto

Impossivel? Sel-o-hia, se a sua vontade fosse lei.

Bergeret

A minha vontade não procura dominar a alheia. È a vontade de sua prima que se oppõe a esse consorcio.

Ernesto

Luiza não resistirá ao pae nem aos seus proprios sentimentos: atrevo-me a dizel-o.

Bergeret

Não poderá ceder.

Ernesto

Porque? O que significam as suas palavras? Algum embuste? alguma violencia?

Bergeret

Violencia seria obrigarem a virgem do Senhor a quebrar um juramento.

Ernesto

Um juramento?

Bergeret

Luiza jurou que, depois de recolher o ultimo suspiro de seu pae, partiria para França e professaria no instituto de S. Vicente de Paulo.

Ernesto

Não póde ser! Prometteu-me nada decidir de improviso, e sei que me ama.

Bergeret

(Dando-lhe um annel.) Eis o annel que o avisa de que deve renunciar para sempre á esperança de possuil-a.

Ernesto

Outra vez o annel?... É pois certo que o fanatismo recobrou a presa, para ligal-a com rijas cadeias que eu não possa espedaçar! Ah! miseraveis, que vencestes por traição e eu nem posso vingar-me, porque não ha justiça que castigue os seductores de creanças, que revoltam as filhas contra os paes, e lançam a discordia e a dôr no seio das familias! São uns monstros, que planeiam a sangue frio e executam com serena ferocidade os crimes mais atrozes, os que torturam a alma, mas são inviolaveis porque trazem á flôr dos labios o nome blasphemado de Deus! A sociedade vingar-me-hia se me roubassem a bolsa; quando me roubam a mulher que amo e com ella a ventura de toda a vida, a sociedade diz-me: resigna-te, porque foste espoliado em nome da religião! É um escarneo e uma atrocidade! È bem verdade que sômos fracos e impotentes contra os oppressores das consciencias!

Bergeret

O juramento que Luiza prestou foi voluntario: ella mesma lh'o dirá.

Ernesto

(Sem dar ouvidos a Bergeret.) Mas porque foi este empenho, esta tenacidade em arrebatar-me Luiza? Seria vingança do odio entranhado que votei aos hypochritas, como se advi-

nhasse que d'elles me adviria a desgraça? . . . Ah! que já sei. Os alliciadores lançaram-lhe as rêdes para colherem um thesouro. A alma? . . Que lhes importa a elles a alma? Ninguem os viu ainda nas enxovias exhortando os criminosos ao arrependimento, nem nos prostibulos lidando na regeneração das perdidas. Appeteceram a riqueza de Luiza, os bandidos, e . . .

Bergeret

Fiz voto de pobresa, senhor!

Ernesto

Para sugar como um parasita a riquesa alheia, bem sei. Fazeis voto de pobreza e arredaes-vos dos pobres como de leprosos, o vosso apostolado só bate ás portas dos grandes e opulentos, a vossa caridade só ameiga quem póde retribuil-a, não appareceis senão á cabeceira dos enfermos que promettem dons e legados, para as vossas confrarias só recrutaes os ricos, e só têm entrada no vosso céu os que pagam luxuosamente a portagem! Ambiciosos, vorazes, sanguesugas, é que vós sois . . .

(Entram pelo fundo Luiza e Joaquina.)

(A Luiza.) Luiza, Luiza, é verdade que este homem te seduziu para fugires da patria, da familia, de mim, e ires ser escrava de fanaticos em terra estranha?

Luiza

(Confusa.) Ernesto . . . como está exaltado! . . Modere-se!

Ernesto

Falla, por Deus, que morro d'angustia! É verdade que fizeste um juramento?

Luiza

Jurei . . . sim . . . por obedecer á vontade de Deus . . . e peço-lhe que respeite a minha deliberação.

Ernesto

Está perdida sem remedio! . . . Mas esse juramento foi-te

extorquido... e não é valido porque ha leis que prohibem as profissões religiosas!

Luiza

(Com resolução.) Só obedecerei ás de Deus e da egreja. O meu juramento é sagrado e inviolavel, e não ha poder no mundo que me obrigue a quebrantal-o.

Joaquina

E quem é que lhe ha de aconselhar um prejurio? Nem meu pae, que antes de tudo é homem honrado. Ernesto, vamo-nos, vamo-nos.

Ernesto

Vamo-nos, sim, porque esta athmosphera soffoca-me. *(Dirigindo-se para Bergeret, com ira.)* Padre Bergeret, o seu miseravel plano vingou, mas... *(Suspende-se, vendo que Bergeret falla com Luiza.)*

Bergeret

(A Luiza.) Minha filha, seu pae vae ser chamado á presença de Deus: vá cumprir junto d'elle a sua santa missão.

Ernesto

Uma missão juncto de meu tio? Entrevejo outro trama ignobil! Luiza, olha que te alliciam para seres instrumento da deshonra de teu pae! Não te recommendaram que abusasses da debilidade de seu espirito enfermo para..?

Joaquina

Recommendaram-lhe que o movesse á contrição dos seus erros, e foi uma piedosa recommendação.

Ernesto

(Com violencia.) O erro dos liberaes tem sido não affugentarem as aves de rapina, que lhes assaltam os ninhos e devastam as cearas; o grande erro de meu tio foi deixar Luiza nas mãos que a desgraçaram! Sr. Bergeret, é um heroe da milicia negra a que pertence. O plano faz honra ao seu genio infernal, mas hei de fazel-o abortar!

Bergeret

V. ex.ª assumiria uma tremenda responsabilidade, se exercesse coacção sobre o espirito do sr. Carlos de Magalhães.

Joaquina

Meu pae é senhor das suas acções, e tem rasão bastante para não precisar de tutor.

Ernesto

Quem pensa em coacção e em tutella? Basta-me vigiar e esclarecer. Quando esse homem se lhe acercar da cabeceira do leito com gestos e fallas hypochritas, hei de dizer ao enfermo: eis o captador de Luiza, e elle ha-de tremer de colera e arremessar-lhe á face a tremenda maldição dos paes. Hei de ter tambem o meu triumpho, padre, e a minha desforra! Hei de salvar a honra de meu tio, juro-lhe! embora haja de luctar contra as filhas obsecadas, que o renegaram!

Joaquina

(Irritada.) E se eu lhe prohibir a approximação de meu pae?

Bergeret

Sr. Ernesto da Silveira, veja o que faz!

Ernesto

Não haverá prohibição nem ameaças que me estorvem de cumprir o meu sagrado dever, e de destruir uma conjuração covarde contra um moribundo, que já não póde defender-se!

Bergeret

E eu digo-lhe que se quizer revoltar-se contra os designios de Deus, ha de ser castigado; que se quizer luctar comigo, será vencido ou chorará a sua victoria. Lembre-se de que sômos nós e só nós que ainda temos poder para lhe dar a esposa que deseja, e que mais lhe aproveitaria a humildade, que poderia ter recompensa, do que o orgulho temerario que o privará do unico meio de esposar Luiza.

Luiza

Mas se eu jurei...

Bergeret

A egreja tem o poder de ligar e desligar.

Joaquina

Desligar Luiza do seu juramento, seria impiedade!

Luiza

Eu não acceitaria.

Ernesto

E o que é necessario fazer para annullar esse juramento? Alguma doação de bens? Diga, padre.

Bergeret

Não offenda quem lhe estende a mão generosa! Se Carlos de Magalhães se reconciliasse com Deus e reconhecesse a falsidade das doctrinas, que toda a vida professou...

Ernesto

Basta, que não ha beneficio que valha esse preço!

Joaquina

E' impossivel! Elle nunca consentirá.

Bergeret

(Continuando.) Se tal milagre se realisasse, Luiza não teria que expiar os peccados de seu pae e purificar-se da maldição que recaiu sobre o seu sangue, e eu pediria aos meus superiores que a desligassem do juramento que prestou.

Ernesto

Oh! que terrivel dilemma!

Joaquina

Mas, padre, se ella quer professar por vocação!?

Bergeret

(A Luiza.) Luiza, salve seu pae das penas eternas! *(A Ernesto.)* Senhor, escolha agora entre a paz e a guerra!

Ernesto

A guerra, a guerra, por honra da liberdade!

(Cáe o panno.)

ACTO TERCEIRO

Sala em casa de Carlos de Magalhães. Portas á direita, esquerda e fundo

SCENA I

Carlos, Luiza e depois **Joaquina**

(Carlos, com aspecto de doente de gravidade, está recostado n'uma poltrona e rodeiado d'almofadas.)

Luiza

Como se sente agora, meu pae?

Carlos

Alguma cousa mais alliviado: respiro com menos difficuldade.

Luiza

Vê: sempre foi bom tomar o remedio.

Carlos

Tomei-o por condescendencia, filha, porque sei que não ha remedios que me curem.

Luiza

Tenha fé em Deus, a quem não cesso d'orar para que lhe prolongue a vida.

Carlos

Devêras antes pedír-lhe que me permittisse acabar de soffrer. Eu estou a encher tempo, Luiza. Hontem e hoje

tenho passado melhor, é verdade, mas não tardará a sobrevir uma crise, como essa que tanto as assustou, e depois outra, e talvez ainda outra, até que a congestão me fulmine. É o curso d'estas doenças de coração.

Luiza

Talvez que outra seja a sua doença, e ainda recobre a saude.

Carlos

Será o que Deus quizer!

Luiza

E elle é cheio de misericordia. Se recorresse com fé viva á sua protecção, por intermedio dos ministros do altar, talvez que...

Carlos

(Irritado.) Outra vez?

Luiza

Perdão! Não se encolerise, que eu só desejo...

Carlos

Não me encoleriso, não... mas afflige-me a tua insistencia. Desejo que me deixem morrer tranquillamente, crendo no que sempre cri.

Luiza

Mas se estivesse em erro?

Carlos

Seria culpa da intelligencia fallivel e não da vontade, e o supremo juiz havia de amercêar-se de mim. Não sou e jámais fui inimigo da religião, e receberia agradecido as consolações que ella offerece ao homem na despedida do mundo: bem sabes que consenti em receber o teu padre Bergeret, apesar da antipathia que me inspirava. Quiz imitar o bom exemplo d'um amigo meu d'infancia, liberal d'antes quebrar que torcer, alma temperada para o heroismo das revoluções e coração de pomba repassado pelo amor

da familia, que sentindo-se arrancado da tribuna e roubado á gloria pela mão apressada da morte, enlaçou os braços com os da cruz, dizendo que a liberdade era piedosa filha do christianismo. E expirou como eu desejava expirar, Luiza: beijando a cruz e os filhos, amando Deus e a liberdade!

Luiza

Mas se é esse o seu desejo, porque repelliu o confessor? porque não quer tornar a recebel-o?

Carlos

(Exaltando-se.) Nem quero ouvir fallar d'esse homem, que em vez de reconciliar, inimiza, que em vez de trazer consolação, lança a desordem na consciencia. Sabes que preço punha o Bergeret ao que elle chamava a minha reconciliação com Deus? Uma apostasia! Uma deshonra! *(Animando-se.)* Queria que me arrependesse das opiniões de toda a vida, que renunciasse antes de morrer á estima do mundo e infamasse d'ante-mão a minha memoria! Renegado, eu? Renegado, Carlos de Magalhães? Julgaria elle que eu já estava demente? Oh! ainda não, e oxalá que se me não apague a luz da intelligencia antes de se me consummir a vida!... E porque havia de renegar?

Luiza

Renegar, não; pedir a Deus que lhe perdôe ter professado principios que a sabedoria infinita condemna.

Carlos

E quem diz que Deus condemna a liberdade? Dizem-n'o elles? Pois são elles os cegos de entendimento. Oh! filha, filha, tem dó de mim e deixa-me morrer em paz! Deixa-me morrer honrado, Luiza; supplico-t'o porque tenho medo da minha fraqueza, tenho medo de succumbir e terminar com ignominia uma vida nobre! Não me reconheço... a enfermidade volveu-me creança... e sinto que se tu... Oh! não, não! E's boa, generosa e estimas o nome immaculado de

teu pae, que será a tua melhor herança, não é verdade? *(Vendo Luiza chorar.)* Não chores, não te afflijas! Valha-me Deus! Olha, Luiza, talvez que eu ainda viva muito e tenhamos tempo para nos pôr d'accôrdo. Não questionemos mais; fallemos antes de coisas alegres. Eu já estou tranquillo e só me lembro de que te amo muito. Vê que até me sorrio, pensando... sabes em que? No teu casamento.

Luiza

(Sobresaltando-se.) No meu casamento? Que idéa! Pense sómente em recuperar a saude e em conservar o espirito socegado. Os medicos tanto lh'o recommendaram!... Não se falla em casamentos e festas á cabeceira d'um enfermo de gravidade!

Carlos

Mas se não posso ter socego em quanto não abençoar a tua união com Ernesto? Fallemos de bodas e festas, fallemos, que não estou tão perto da morte que já se enlutem os meus. Ouve cá: hoje que estou melhor não poderiamos ajustar com Ernesto o dia certo da grande festa... porque ha de ser uma grande festa, visto ser a ultima a que assisto?

Luiza

Mas...

Carlos

Mas?... Que objecção vaes fazer? Que significa essa angustia?.. Repugna-te o casamento? não amas teu primo?

Luiza

Queria consagrar-me toda a meu pae... custar-me-ia separar-me de si...

Carlos

Não sabes que nunca consentiria na separação?... Luiza, tu escondes-me alguma coisa. Addias incessantemente a satisfação do meu desejo, pareces empenhada em que eu morra sem ver o teu casamento..! Serão intrigas, serão suggestões dos lazaristas?... Maldictos, que os tenho sempre diante dos olhos!... Oh! que horrivel suspeita!

Luiza

Não escogite novos pretextos para se affligir. Não é isso; não é nada do que receia. Só desejo esperar pelo seu restabelecimento.

Carlos

Não sei porque, mas não te acredito. Não me fallas com a expressão da franqueza e da verdade. Ai! que tormentos me estavam reservados para os ultimos dias da vida!... Agora me lembro de que o padre Bergeret... Sim, sim, lembro-me bem: quando o repelli disse-me... não sei já o que a teu respeito:.. que estava sendo causa da tua desgraça... que ficarias perdida para o mundo. O que quereria elle dizer, Luiza?... Perdida, desgraçada serias tu... se te houvesses ligado para a vida a essa gente... fazendo votos religiosos, professando n'algum instituto...

Luiza

Isso não seria desgraça, antes a felicidade na terra e a gloria no céu!

Carlos

(Levantando-se com arrebatamento.) É, pois, verdade! Ai! que me roubaram a filha e eu já não tenho vida para a arrancar ás mãos dos roubadores! A filha de Carlos de Magalhães victima da hypochrisia, ó minha vergonha! Infames, covardes, que me apunhalaram pelas costas! Maldicta seja a minha fraqueza! maldicta a hora em que *(Para Luiza.)* te separei de mim! maldicta sejas... Ai! que eu... morro! *(Cáe prostrado na poltrona.)*

Luiza

Meu pae, piedade!... Oh! meu Deus, que amargo transe! *(Vendo o pae desfallecido.)* Matal-o-hia eu?! Meu pae, ouça-me, meu pae! *(Chamando.)* Joaquina! Joaquina!... Meu pae, não é verdade! Oh! Senhor, não permittaes que elle morra podendo eu accusar-me da sua morte!

Carlos

(Com voz sumida.) Não é verdade?...

Joaquina

(Entrando.) Que é isto, meu pae? O que foi? *(Falla rapidamente com Luiza.)*

Carlos

(A Joaquina.) Tu foste a culpada... porque lh'a entregaste nas mãos!

Joaquina

Valha-nos Deus! assustar-se sem fundamento! agitar-se tanto com um sonho!

Carlos

Um sonho?

Joaquina

Luiza casará com Ernesto, socegue. Ora o que lhe havia de lembrar! E em que estado se pôz, meu Deus! É capaz de peiorar. Merecia que eu lhe ralhasse muito!

Carlos

Tu não me enganas?... Mas porque é que Luiza disse que a sua felicidade seria...?

Joaquina

Ella só fará o que fôr da vontade de seu pae. Não falle mais, supplico-lhe. Estivera eu aqui que não teria consentido n'essas conservações que o affligem. Agora é preciso socego... deve ir encostar-se. Pobre pae! Recolha-se á alcova, sim? *(A Luiza.)* Ampara-o d'esse lado. *(Levantam Carlos e levam-n'o para fóra.)*

Carlos

Mas é preciso que Luiza case quanto antes. Já não tenho descanço sem a ter visto casar. *(Sáe nos braços das filhas, pela esquerda.)*

SCENA III

D. José e padre **Bergeret**

D. José

(Tendo entrado pela direita, e voltando-se para a porta.) Padre Bergeret, póde entrar porque já o levaram d'aqui.

Bergeret

(Entrando.) E como está elle hoje?

D. José

Muito mal, apesar das melhoras apparentes. Vão-se-lhe acabando as forças, e os medicos receiam que não dure oito dias.

Bergeret

Sim? E' preciso, pois, operar rapidamente. Já desesperei de que Luiza consiga vencer a deploravel obstinação do pae, porque se arreceia dos seus impetos de cólera, desde que os medicos lhe disseram que podiam ser fataes. Urge recorrer a um meio heroico, D. José.

D. José

Fazer-lhe saber que se não se reconciliar com a egreja, abjurando dos seus erros, Luiza professará?

Bergeret

Certamente. Pôr em pratica o plano que a sabedoria de Deus me inspirou e cujo exito se me affigura certo. Se Carlos souber...

D. José

Mas quem ha de dizer-lh'o? O padre não, porque elle não quer vêl-o. Joaquina empenha-se em que o pae continue persuadido de que Luiza casará com o primo. Ernesto vigia pelo que julga ser a honra do tio.

Bergeret

E é um terrivel inimigo. Enganei-me com elle, suppondo que o ganharia com a promessa de tornar possivel o seu casamento com Luiza, e esperando que nos ajudasse a submetter o ancião, para que a promessa podesse cumprir-se. Achei-o mais homem de principios que de sentimentos, e mais liberal do que amante: paciencia! Nem por isso a religião deixará de alcançar uma esplendida victoria, sr. D. José!

D. José

Começo a ter duvidas.

Bergeret

Falta de confiança em Deus, que protege a sua causa, e que o elegeu, ao senhor para lhe assegurar o triumpho. Vim aqui para lh'o dizer.

D. José

A mim? Mas como? o que quer que eu faça

Bergeret

O que eu não posso. Que diga a Carlos de Magalhães, que se morrer impenitente sua filha consagrar-se-ha á religião e á caridade.

D. José

Isso nunca!

Bergeret

Dir-lh'o-ha hoje mesmo, dir-lh'o-ha quanto antes.

D. José

Não posso... falta-me a coragem. Receio que a revelação o fulmine, e não quero assumir a responsabilidade de lhe causar a morte.

Bergeret

Esperava mais da sua dedicação e da sua piedade.

D. José

Exige-me quasi um crime. Para lhe dizer tudo, padre Ber-

geret; eu não approvo que se atormente um velho respeitavel nos seus ultimos dias, e se queira extorquir á fraquesa d'um moribundo uma abjuração... que o deshonra.

Bergeret

São esses os verdadeiros motivos pelos quaes se recusa a salvar uma alma peccadora?

D. José

De certo. Tambem comprehendo a honra, e não tenho o coração de pedra.

Bergeret

Está faltando á verdade, D. José, como se Deus e eu não lêssemos no seu espirito.

D. José

O que quer dizer?

Bergeret

É a cobiça dos bens mundanos que o põe em revolta contra as ordens de Deus, sem se lembrar de que Deus póde castigal-o, fazendo com que só ache o vacuo onde suppõe encontrar um thesouro.

D. José

Asseguro-lhe que me está julgando erradamente.

Bergeret

O sr. D. José e D. Joaquina conspiraram-se contra o serviço do Senhor, induzidos pelo amor criminoso que os une e pela commum ambição. Pozeram o fito dos seus desejos em que Luiza professe para lhes deixar os bens, e por isso oppõem-se a quanto possa concorrer para que o pae se reconcilie com a egreja, e ella desligue a minha discipula do juramento que fez. Mas eu adivinhei-os e preveni-me para mostrar aos que imaginaram fazer da religião e dos seus ministros instrumentos de paixões torpes, que só ha desastres, desbaratos, humilhações e vergonhas para quem quer vencêr sem Deus e contra Deus. A lima quiz trocar o papel com o do operario: pois o operario despedaça a lima e

arroja os pedaços para onde lhe não possam roer na mão. Saiba, sr. D. José, que Luiza de Magalhães fez doação indirecta dos seus teres ao instituto de S. Vicente de Paulo, para o caso de professar n'elle.

D. José

Mas isso é uma burla feita a mim e a Joaquina! O senhor promettêra-nos que lhe aconselharia...

Bergeret

Nada prometti e só aconselho o que se me affigura ser para maior gloria de Deus. O instituto não é ambicioso de riquesas, mas desde que a fortuna de Luiza se tornou obstaculo a que v. ex.ª e D. Joaquina concorressem para a salvação eterna de Carlos de Magalhães, removeu o obstaculo, destinando-a para ser empregada no culto divino e em obras pias, no caso da sua possuidora querer renuncial-a. D'este modo, sr. D. José, nada tem a perder nem a ganhar com o casamento da minha discipula, e só póde *(Com intenção)* perder ou alcançar a mão e a riquesa da baroneza de Selgas!

D. José

E o que hei de fazer para a alcançar? Padre Bergeret, perdôe-me ter querido luctar comsigo: foi Joaquina que me induziu. Por mim nunca pensaria senão em obedecer-lhe cegamente.

Bergeret

Pois obedeça-me agora, agradecendo a amnistia que concedo á sua rebellião! Esqueça-se de D. Joaquina, que precisa ser castigada por haver encoberto, com fingimentos de devoção, calculos de miseravel interesse, e a baroneza de Selgas, modêlo de docilidade, premeiará a dedicação com que nos servir n'esta grande obra em que ando empenhado. É uma grande obra, D. José, de que espero os maiores proveitos para a causa da religião e... para mim! A abjuração de Carlos de Magalhães, tão completa e solemne como a desejo e como havemos de conseguil-a, fazendo com

que elle assigne este papel, *(Mostrando um papel, que tirou do bolso.)* fará exasperar os liberaes e impios, obrigando-os a infamar o homem que antes veneravam, e os meus superiores de França não deixarão de me agradecer tão relevante serviço... embora eu só deseje que por elle me perdôe Deus alguns peccados! Ajude-me, pois, sr. D. José. É bem recebido aqui, onde tem sido enfermeiro sollicito do pobre velho, não inspira desconfiança a Joaquina, e póde, portanto, operar com segurança, com a rapidez, que é imprescindivel, e com seguro exito.

D. José

Em verdade, custa-me a resolver-me.

Bergeret

Tambem me ha de custar a resolver a baroneza de Selgas a esposal-o, e todavia...

D. José

Basta. Tudo farei para lhe ser agradavel.

Bergeret

E eu para lhe ser util.

D. José

Hoje mesmo fallarei a Carlos de Magalhães.

Bergeret

Ainda hoje espero ter uma conferencia com a baroneza de Selgas.

D. José

Dê-me a declaração que elle deve assignar. *(Recebe um papel de Bergeret.)* Onde poderei encontral-o, quando precisar de si?

Bergeret

Em S. Lazaro, quando não esteja aqui, onde procurarei demorar-me o mais possivel em praticas com Joaquina e Luiza. Diga em segredo a Luiza que vim para fallar-lhe.

D. José

E não me falte, não?

Bergeret

Não desanime, não?

(Bergeret sáe para o fundo. D. José para a esquerda.)

SCENA III

D. José, Carlos, Luiza e Joaquina

Carlos

(Entrando nos braços das filhas, pela mesma porta por onde vae a saír D. José, que se detém.) Ah! é o sr. D. José!... Mas estava fallando... que eu ouvi vozes. Com quem conversava?

Joaquina

(Atalhando a resposta a D. José.) O pae imaginou que ouvia a voz do padre Bergeret, e quiz vêr se effectivamente cá estava, embôra eu e Luiza lhe dissessemos que não era elle.

Carlos

Queria expulsal-o outra vez, se tivesse tido a impudencia de voltar a esta casa. Talvez se escapasse.

D. José

Pois ouvia-se na alcova o que nos diziamos aqui?

Joaquina

Apenas se ouviu por momentos um rumor de vozes, em que logo distinguí a do primo.

D. José

(Depois de ter hesitado.) Pois... enganou-se; não era elle que estava aqui.

Carlos

Bem dizia eu. Era então o padre? Pois elle ainda ousa...?

D. José

(Baixo a Luiza.) O padre Bergeret está lá fóra e quer-lhe fallar immediatamente.

Luiza

(Baixo, a D. José.) Vou já; mas por Deus, não diga . . !
(Sáe pelo fundo.)

Joaquina

(Fazendo signaes a D. José, que finge não percebel-os.) Ah! então já adivinho quem fosse: era o Julio da Silveira, que tem vindo todos os dias saber do nosso querido doente.

D. José

Não, minha senhora: era effectivamente o padre Bergeret, que já saiu.

(Joaquina faz gestos de cólera.)

Carlos

Ah! E o que veiu elle cá fazer? O que queria d'esta casa, onde introduziu a sizania e o desgosto?

Joaquina

Não me pareceu a sua voz! Provavelmente veiu informar-se de si, meu pae: uma visita de méra cortezia. Elle é muito delicado.

Carlos

Pois se voltar, digam-lhe que não quero d'elle nem a cortezia!

D. José

Trazia-o aqui motivo mais grave . . .

Joaquina

O sr. D. José está hoje com umas palavras mysteriosas e uns gestos solemnes, que me fazem desesperar!

D. José

Tenho a cumprir um imperioso dever de amisade. Pelo padre Bergeret soube . . .

Joaquina

Guarde para si o que sabe, e não nos falle d'esse homem.

D. José

Não sei se deva...

Carlos

Diga, diga, sr. D. José, ainda que me não póde vir coisa boa de inimigos figadaes. Estou preparado paro tudo.

D. José

Sr. Magalhães, se eu merecesse que v. ex.ª me tivesse em conta d'amigo, rogar-lhe-hia em nome da amisade que recebesse o padre Bergeret e se reconciliasse com a egreja, que é poderosa, possue as chaves do céu, e póde castigar nos filhos as culpas dos paes.

Joaquina

(Para Carlos.) Não me disse que queria fallar a Ernesto? *(Para D. José.)* Tem a bondade d'ir pedir a meu primo que venha aqui?

D. José

O sr. Ernesto da Silveira ainda não regressou a casa. *(Para Carlos.)* Não regeite v. ex.ª o meu conselho, porque se arrependerá de o ter feito, se ama sua filha e deseja o enlace que a ha de tornar venturosa. As circumstancias são gravissimas, senhor. Sua filha está em risco de perder-se, e só um rasgo de amor paterno póde salval-a.

Carlos

Oh! meu Deus! O que quer dizer com isso?

Joaquina

(Exasperada.) Que é um emissario dos lazaristas, que elles incumbiram de forjar a sua deshonra, meu pae. Não lhe dê ouvidos. *(Faz gestos supplicantes a D. José para que se calle.)*

Carlos

(Para Joaquina.) Calla-te; deixa-nos.

Joaquina

O que ha de ter Luiza que receiar dos padres? Ella está resolvida a casar com...

D. José

Não pode. Jurou...

Carlos

Jurou tomar o habito d'irmã da caridade, não é isso? Ah! que bem m'o dizia o coração!.. E tu querias enganar-me, Joaquina!

Joaquina

É que... é que... se não tinha remedio... para que havia de saber? É melhor deixal-a; se é a sua vocação! É verdade: jurou professar e... não ha meio de a desligar... *(Fazendo signaes a D. José, para que a não desminta.)*

D. José

Ha, sim, minha senhora. Se o não houvesse, teria deixado o sr. Magalhães na sua feliz ignorancia.

Joaquina

(Aparte.) Este homem é um monstro! Atraiçôa-me!... foge-me!

Carlos

Que meio é esse? Diga-m'o, explique-me que eu tudo farei...

D. José

A sua reconciliação com a egreja, sr. Magalhães.

Joaquina

A sua deshonra, meu pae, a abjuração que já lhe propozeram e recusou com tanta nobreza. Não ha de conseguir os seus intentos, sr. D. José, não ha de ganhar o premio que lhe prometteram!

Carlos

Ah! que miseravel trama! Comprehendo tudo. Obrigam-me a optar entre a minha deshonra e a desgraça da filha!

E ella consentiu? Onde está Luiza? Chamem-n'a, que quero ouvir da sua bocca a confissão da infamia...

Joaquina

E Ernesto, ouça tambem Ernesto e aconselhe-se com elle. Vou mandal-o chamar. *(Passando por D. José, a meia voz.)* És um perfido, mas hei de obrigar-te a ser fiel aos teus compromissos. Não está tudo perdido.

(Sáe.)

SCENA IV

D. José, Carlos e Luiza

Carlos

Nenhum pae se viu ainda em mais angustioso transe. E foi Luiza, a filha bem amada, que m'o preparou, pagando o amor com a mais feia ingratidão! Ella afinal não tem culpa: como havia a pobre creança de resistir á astucia e á violencia dos alliciadores?... O culpado sou eu, que deixei cair a pomba nas garras dos abutres!

Luiza

(Entrando.) Meu pae?

Carlos

(Exaltando-se.) Ah! Luiza, Luiza, que és o tormento da minha agonia e a deshonra da minha velhice. Não sabias o nome de teu pae, desgraçada?

Luiza

(Assustada.) Meu Deus!

Carlos

Sei tudo, sei que offereceste o meu cadaver para servir nas pompas d'um triumpho. Mas contaste demasiado com o meu amor e a minha fraquesa! Hei de ser inexoravel para com a filha ingrata, e deixal-a despenhar-se no abysmo que por suas mãos cavou, porque a minha honra não é minha,

é do meu paiz, é da liberdade! Quem te mandou dispôr do que não era teu? Que direito tens para me exigir que te sacrifique o que mais deseja o homem honrado á beira do tumulo, o respeito para a sua memoria?

Luiza

Perdão, meu pae, que eu não mereço essas palavras, que me dilaceram o coração!

D. José

Sr. Magalhães, abrande-se, que sua filha não é culpada senão por bons desejos.

Carlos

Ella não é minha filha, é uma escrava dos lazaristas, o instrumento do seu odio, o punhal que me apontam ao peito bradando que me renda! Escrava dos lazaristas, irmã da caridade, espolio d'uma victoria que elles hão de apregoar, lançando o nome do pae que não soube defender a filha aos sarcasmos e ás maldições do mundo!... De toda a maneira me deshonram, meu Deus! Ou eu ou ella seremos sua presa... e ella sel-o-ha para toda a vida... em quanto eu, ao menos, escapar-lhes-hei pela morte, e não ouvirei os apupos... que hão-de ser a oração funebre... do renegado!—Nunca! nunca! Não posso supportar esta idéa horrivel!

Luiza

E que lhe importam os máus juizos dos homens, se Deus lhe ha de conceder a gloria eterna?

Carlos

Atreves-te a advogar a tua causa?

Luiza

Não é a minha causa que advogo, é a sua. Oh! não se encolerise, não me amaldiçòe: como havia eu de luctar contra a vontade do Senhor, que se manifestava em mim? Foram os padres que propozeram desligar-me do juramento que prestára... e consentir n'um casamento, a que havia renunciado espontaneamente...

D. José

Apesar de amar seu primo!

Carlos

O que? Pois tu amas Ernesto, e amando-o consentiste em votar-te ao celibato? Oh! filha, a que estado te reduziram o espirito, e como os hypochritas se apoderaram d'elle!... Já não sei senão compadecer-me de ti, desgraçada! *(Abatido.)* E julgas que poderei consentir na consummação do teu sacrificio?

D. José

Tendo um meio certo de o evitar!

Luiza

Não me seria doloroso o sacrificio, mas o que me cobriria de luto seria o tel-o visto morrer impenitente, e saber que a sua alma fôra padecer tormentos sem fim. Diga-me, meu pae: poderia ser feliz, sabendo que eu vivia na desgraça e no soffrimento? Não; soffreria tambem, sentiria a minha dôr, choraria as minhas lagrimas. Como havia eu, pois, que o amo tanto como sou amada, ter um goso na vida que não fosse amargurado pela lembrança terrivel da sua condemnação eterna? Essa lembrança perseguir-me-hia implacavel, seria o pesadello do meu somno e a dôr das minhas vigilias, só a oração e a penitencia me dariam lenitivo, dando-me esperança de que Deus se amercêaria de si e de mim... e por isso é justa a resolução que tomei.

Carlos

(Impressionado, para D. José.) Creio na sua sinceridade, coitada!

Luiza

Deus sabe se sou sincera, Deus sabe se é ardente a minha fé! Quer uma prova? O sr. D. José disse a verdade: amei Ernesto e ainda o amo, apesar dos esforços que fiz para purificar o coração, e conheço que seria feliz... com elle, sendo amada, tendo uma familia e um lar, e apertan-

do ao peito umas creancinhas, que me cobrissem o rosto de beijos, chamando-me mãe. Mãe, mãe! Cuida que não sou mulher e não sinto a magia d'este nome d'ineffavel doçura? Pois bem: renunciei á felicidade, repelli Ernesto, condemneime *(Com explosão.)* a não poder amar, tendo o seio a transbordar ternuras, para offerecer a Deus o meu sacrificio, supplicando-lhe que por elle perdoasse as suas culpas!

Carlos

(Enternecido.) Mas isso é heroismo d'amor filial, Luiza! E eu que te accusava sem comprehender-te! Que me importa que as tuas crenças sejam erroneas, se são sinceras e vehementes? que o sacrificio a que te destinaste seja desnecessario, se o inspirou uma santa intenção? Pobre martyr! Mas não; não o serás, que não posso acceitar que te condemnes por desejo de salvar-me. Farei o que quizeres, filha; deixarei guiar por ti os meus derradeiros passos no mundo, *(Rebentando em lagrimas.)* por que não sei resistir ao carinho.

Luiza

(Abraçando o pae com effusão.) Obrigada, meu pae! Que immensa alegria, meu Deus! Agora sim, que haverá sol, amor, puros regosijos na minha vida! Desopprimiu-se-me o peito como se houvesse escapado a um grande perigo! Quando tiver a desgraça de perdel-o, poderei dizer com confiança, sem se me confranger o coração: *meu pae, que está no céu! (Ameigando Carlos.)* E que gloria a sua, que salutar exemplo o da sua contrição! Como a egreja ha de abençoar o nobre adversario, que se lança em seus braços assombrado, como S. Paulo, por um raio da graça divina! Oh! meu pae, meu pae, como eu o amo!

Carlos

(Repellindo brandamente a filha.) O meu exemplo?! Triste exemplo de fraquesa!

Luiza

Que é isso: desanima? Senhor, Senhor, amparae-o!

D. José

Não se arrependa da sua generosa resolução.

Carlos

E quem se mostrará generoso para comigo? *(Repellindo a filha com violencia.)* Não posso, não posso. Vae-te, que me ias fazendo succumbir!... Seria uma infamia não ceder á convicção, mas á violencia. Penetrado pela graça divina, eu? Vencido pela astucia, cedendo a uma trama vil, devêra dizer esta louca! Não: hei de morrer como vivi, luctando pelos direitos da consciencia humana, sacrificando ao amor pela liberdade o meu amor de pae, e crendo na religião do Evangelho mas nunca na do *syllabus! (Para Luiza.)* Vae dizer aos verdugos, que antes lhes entrego a filha... *(Suspende-se subitamente.)*

Luiza

E que a entrega ao desespero, meu pae!

Carlos

(Com abatimento.) Não vás... não digas nada!... Ai! que eu enlouqueço!... Não posso vencer o meu amor por ti, Luiza. Pois haverá deveres mais sagrados que os de um pae? pois ha de haver quem me maldiga, por ter querido ao transe salvar a filha de uma enorme desgraça?... Coitada, e ella que ama Ernesto! Que sejam felizes ambos, e o mundo que vocifére e pragueje! Importa-me bem o mundo quando vou deixal-o! E olha, Luiza, deixal-o-hei em breve, por que esta lucta cruel gastou-me as ultimas forças, e sinto aqui no peito... Depressa, depressa... o que hei de eu fazer?

Luiza

Graças a Deus que o não abandonou! Vou chamar o padre Bergeret.

D. José

Elle exige, para poder absolvel-o, uma abjuração por escripto dos erros de doctrina, que estão condemnados pela

egreja. Tenho aqui a formula. *(Dá a Carlos o papel, que lhe entregára Bergeret.)*

Carlos

(Convulso.) Sim . . . é isso . . . uma abjuração por escripto... para que a publiquem . . . para que a apregoem! São inexoraveis, os phariseus!

Luiza

Verá como a sua doctrina é doce e persuasiva.

Carlos

(Arrojando o papel de si.) Parece que me escalda como um ferro em brasa . . . um ferrete infamante! *(Olhando para a filha.)* Pobre Luiza! *(Pegando novamente no papel.)* Dá cá, dá cá! E o padre? Que venha, que não ha supplicio sem carrasco!

D. José

Eu vou chamal-o.

Luiza

E ha de recebel-o aqui? E' melhor na alcova, onde ninguem irá perturbal-os.

(Luiza e D. José levantam Carlos, para o transportar.)

Carlos

Que importa á victima onde se levantará o altar? . . . Mas aviem-se . . . que quero descançar . . . que preciso morrer!...

(Sáem todos tres pela esquerda. Padre Bergeret mostra-se, entreabrindo a porta do fundo.)

SCENA V

Padre **Bergeret** e **D. José**

(Bergeret apparece ao fundo com semblante alegre. Entra. Parece escutar para a direita (do espectador) dando signaes de inquietação. Entra D. José da esquerda.)

D. José

(Entrando.) Já aqui está! Venha, que está ganha a victoria.

Bergeret

(Inquieto.) Ainda não, porque se me affigura ouvir passos d'Ernesto, que D. Joaquina mandou procurar por toda a parte.

D. José

E a presença d'elle póde perder tudo. O velho está n'um estado de espirito em que è facil dominal-o.

Bergeret

E' preciso evitar que elle lhe falle, e fazer com que Carlos assigne a abjuração.

D. José

Mas como?

Bergeret

Elle ahi está. Detenha-o a todo o custo.

(Vae para entrar para o quarto de Carlos. Apparece da direita Ernesto, seguido de Joaquina.)

SCENA VI

Os mesmos, **Joaquina** e **Ernesto**

Ernesto

(Entrando da direita e vendo Bergeret, grita para detel-o.) Padre Bergeret!

Bergeret

(Parando e voltando-se para Ernesto.) Sr. Ernesto de Magalhães?

Joaquina

(Avistando D. José.) Sr. D. José, preciso fallar-lhe. *(D. José, no momento em que Joaquina lhe dirige a palavra, entra pára o quarto de Carlos. Joaquina, com um movimento de colera, segue atraz d'elle.)*

Ernesto

(A Bergeret.) Foi-lhe prohibida a entrada n'esta casa, senhor. Cheguei a tempo para lh'o lembrar, e impedir que vá

perturbar com a sua presença o socego do enfermo. Queira sahir!

Bergeret

Fui chamado para reconciliar um peccador com Deus.

Ernesto

Fui encarregado de o despedir. Sáia!

Bergeret

Não sairei, senhor, e não me falta coragem para soffrer máus tractos no cumprimento dos deveres augustos do sacerdocio.

Ernesto

Diga antes que lhe sobejam tenacidade e ousadia, para pôr ao serviço da sua torpe ambição.

Bergeret

Sr. Silveira, se não quer respeitar em mim o ministro de Deus, respeite a sinceridade das convicções religiosas, que aqui me trouxeram a arrostar a sua cólera e os seus insultos. Bem se diz que a tolerancia dos liberaes é só para os impios e libertinos, e não se estende ao Christo e seus apostolos!

Ernesto

Não é tolerancia que offerecemos ao Christo, é adoração; e como elle perseguimos os phariseus. Sei que malvado proposito o trouxe aqui, mas estou apostado para defender a honra de meu tio, como teria defendido Luiza das garras que a preiaram, se me houvera sido licito velar por ella. Perdeu a pobre creança, mas não perderá o ancião; destruiu a minha ventura, mas não ha de infamar o nome veneravel de meu segundo pae.

(Volta as costas a Bergeret, e mostra querer entrar para o quarto de Carlos.)

Bergeret

(Mostrando empenho em detêr Ernesto.) Se tiver de renunciar á mão de sua prima, não será por minha culpa. Apesar da inimisade de v. ex.ª, estimo o seu nobre caracter, espero

que Deus lhe ha de illuminar o espirito com os raios da infinita verdade, e desejei tanto contribuir para a sua felicidade na terra, como para a salvação eterna de seu tio.

Ernesto

Com a condição de lhe persuadir uma abjuração vergonhosa, bem sei. Mas enganou-se comigo e já deve estar prevenido de que nada tem a esperar de mim, senão guerra sem tregoas. Dispense-se, pois, de me importunar com as suas homilias, e dispense-me de lhe repetir a ordem de sair d'esta casa.

Bergeret

Mas se v. ex.ª quizesse...

Ernesto

Só quero de si que se suma da minha presença, e me poupe o esforço que estou fazendo para não esmagar o reptil, que me mordeu no coração!

Bergeret

Foi Deus que o affligio, talvez em castigo dos seus peccados, porque foi elle que inspirou a vocação de sua prima. Mas ainda é possivel que inspire tambem o sr. Carlos de Magalhães...

Joaquina

(Entreabrindo a porta da esquerda.) Ernesto, Ernesto, acuda, que meu pae cede! *(Torna a fechar a porta.)*

Ernesto

Cede?! Oh! desgraçado!

(Precipita-se para o quarto de Carlos. Bergeret passa-lhe adiante e cobre a porta com o corpo, estendendo os braços.)

Bergeret

Agora sou eu que lhe digo: não passará d'aqui!

Ernesto

(Assombrado.) Estará louco?

Bergeret

Em nome de Deus te esconjuro, Satanaz, para que não transvíes a alma que elle chama a si n'um rasgo de ineffavel misericordia! Não estou louco, não; como bom pastor defendo a ovelha, que volta ao aprisco, do assalto do lobo, e primeiro ha de lacerar-me as carnes do que lhe lançará a garra. Não passará d'aqui, senhor!

Ernesto

Passarei sobre o teu corpo, miseravel. Arreda-te, se não queres...

Bergeret

(Levantando os olhos.) Inspirem-me os santos martyres a sua fortaleza!

Ernesto

Que audacia!... Arrede-se, ou arranco-lhe essas vestes para as não profanar, e pizo-o a pés como a um escorpião!

Luiza

(Dentro.) Ernesto, padre Bergeret, acudam! Oh! meu Deus!

(Ernesto precipita-se sobre Bergeret. Este cáe de joelhos e toma uma posição de humildade. Ernesto recúa.)

Bergeret

Levante as mãos sobre o ungido do Senhor, maltracte-o, martyrise-o, que elle offerecerá a Deus o martyrio e pedirá perdão para o seu algoz!

Ernesto

(Indeciso.) Vilissimo hypochrita!

Bergeret

Obrigado, meu Deus, por me permittirdes que soffra pela vossa causa!

Ernesto

(Exasperado.) Ah! tu queres soffrer, energumeno?..

(Vae para bater-lhe.)

Bergeret

(Offerecendo a face.) Aqui está a face, senhor!

(Ouvem-se dentro gritos de afflicção. Ernesto suspende-se. Bergeret levanta-se, escutando.)

Ernesto

(Escutando—afflicto.) O que é isto? Gritos, soluços!...

(Dirige-se para a porta. A porta abre-se e apparecem D. José, amparando nos braços Luiza quasi desfallecida, e Joaquina, dando signaes de profunda mágoa.)

SCENA VII

Ernesto, Bergeret, D. José, Luiza e Joaquina

D. José

(Respondendo aos olhares interrogativos de Ernesto e Bergeret.) Morto!

Luiza

(Gemendo.) Meu pae! meu pobre pae!

Ernesto

Morto?!

Bergeret

O Senhor se compadeça da sua alma! *(Dá signaes de inquietação e parece querer interrogar D. José.)*

Ernesto

Livrou-o a morte de cruel padecer! Abriu-se para elle a historia, que lhe ha de honrar a nobreza de caracter e a firmeza de principios!

Bergeret

(Que se tem approximado de D. José e fallado com elle.) Bemdito seja Deus, que lhe estendeu os braços da sua infinita misericordia!

Ernesto

Morreu, dando um generoso exemplo de fortaleza!

Bergeret

A intenção hade abrir-lhe as portas do céu; o arrependimento terá bastado para salval-o!

D. José

Dir-se-hia que Deus lhe esteve prolongando a vida até ao momento da contrição, porque apenas assignou caíu fulminado!

Joaquina

Porque o matou o esforço que fez! Mataram-n'o, mataram-n'o!

Ernesto

Mataram-n'o?!.. assignou?! Luiza, Luiza, que fizeste de teu pae?

Luiza

(Ajoelhando.) Oh! meu Deus, perdoae-me, se fiz mal!

Ernesto

Mas que succedeu?.. Extorquiram alguma abjuração ao moribundo?.. Não me respondem?.. Sr. D. José?... Joaquina?

Joaquina

Triumpharam, Ernesto; obrigaram-n'o a assignar...

Bergeret

(Interrompendo Joaquina.) O sr. Carlos de Magalhães, antes de morrer, foi tocado pela graça do céu, e deixou um documento da sua contrição. *(Mostrando um papel.)* Eil-o aqui, firmado pelo seu punho.

Ernesto

E eu que me applaudia por havel-o salvado?.. Quem foi então?... Ah! Luiza, que mereceste a maldição de teu pae! E o que diz esse papel?

Bergeret

(Lendo.) «Sentindo-me proximo da morte, mas em uso pleno das faculdades intellectuaes, declaro espontaneamente que

me pesa de haver propagado, pelos meus escriptos e discursos, doutrinas contrarias á santa religião, ás da egreja de Roma e ao poder espiritual e temporal do soberano pontifice, e que condemno como impias, criminosas e nocivas á sociedade as que foram condemnadas pelo breve de 8 de dezembro de 1864 e estão ennumeradas no *Syllabus*, a que submetto a razão...»

Ernesto

(Interrompendo com violencia.) Basta! *(Fica prostrado e parece meditar profundamente.)*

Bergeret

(Com doçura.) Foi uma explendida victoria da fé, que a todos deve encher de jubilo. *(A Ernesto.)* V. ex.ª tambem lucrou com ella. Hei de cumprir a minha promessa, empenhando-me com os meus superiores para que Luiza possa ser sua esposa.

Joaquina

Pois ainda mais essa infamia? *(A Luiza.)* E tu has de consentir?

Ernesto

(A Bergeret.) Não represente de vencedor magnanimo, porque não venceu ainda.

D. José

Só o sr. Magalhães poderia desfazer o que fez.

Ernesto

A verdade ha de raiar, e ver-se-ha que vís astucias e que torpes violencias cercaram meu tio na ultima hora. Julga ter na mão a deshonra de um finado, e prepara-se para a apregoar ao mundo? Pois veremos se fazem mais ruido os seus pregões, do que os brados de indignação com que lhe hei de arrancar a mascara da hypochrisia! Suppunha que era só introduzir-se como um ladrão covarde no seio d'uma familia, roubar-lhe a paz, a ventura, a honra, e ir vender o roubo a quem lhe abençôa a empreza? Ha de haver quem o persiga, quem o denuncie, quem corra atraz de si gritando: infamia! infamia! infamia!

Bergeret

V. ex.ª bem sabe que nem poude approximar-me de seu tio!

Ernesto

Hei de marcal-o com um ferro em brasa, como a um forçado, para que o reconheçam os paes e livrem as filhas do seu contacto, as familias e o mandem expulsar pelos lacaios, quando lhes bater ás portas. O que chama victoria ha de ser a sua perdição e a perdição dos seus. Ahi estão os fructos da tolerancia degenerada em tibieza, direi eu aos liberaes. Não quereis esmagar a vibora? Pois ahi tendes como ella vibra o farpão e vos paga a clemencia, inoculando-vos a peçonha nas veias! Boa lição para os incautos. Não custasse ella os apôdos que vão chover sobre a sepultura de um homem honrado, que seria para agradecer-se. Mas quem ha-de apôdal-o? O que vale essa assignatura traçada com mão desfallecida pelo agonisante, contra o testemunho da sua vida inteira?

Bergeret

O arrependimento de um homem tão illustre como o sr. Magalhães, hade trazer muitos peccadores ao gremio da egreja.

Ernesto

Ah! os verdugos contam que as carnes d'uma presa lhes servirão d'engôdo para colherem outras? Pois enganam-se, porque Carlos de Magalhães morreu abraçado ás suas crenças, firme nos seus principios, amando a liberdade, fazendo votos para que os povos, desenganados, affugentem os abutaes da reacção, e o progresso selle para sempre o tumulo do passado. Quem diz o contrario mente, que o juro pela minha honra!

Bergeret

Mas este documento... *(Mostrando o papel.)*

Ernesto

Esse documento *(Lança mão ao papel e rasga-o.)* rasga-se!

Bergeret

Senhor... é uma violencia!

D. José

Mas eu posso ser testemunha da destruição d'esse papel.

Luiza

Ernesto, meu pae não consentiria...

Bergeret

Não está tudo perdido, sr. Silveira. Fica-me ao menos a vingança. Rasgou o seu contracto de casamento!

Joaquina

Obrigará Luiza a professar?

Ernesto

(Respondendo a Bergeret.) Já estava rasgado ha muito e não consentiria em renoval-o. Luiza não póde ser minha, porque a sua alma é do fanatismo, com quem nunca partilharia uma esposa.

Luiza

É elle que me repelle! Ai! que succumbo a tão amiudados golpes!

Ernesto

(Com amargura.) Não posso fiar a minha ventura de quem atormentou o espirito de seu pae moribundo, a vida, de quem lh'a encurtou, a honra, de quem não quiz herdar um nome honrado. *(Abrandando-se.)* Tenho mêdo de si, Luiza, tenho mêdo por meus filhos, a quem ensinaria talvez a terem por mim o mesmo horror, que lhe inspirava aquelle santo, que tão estremecidamente a amava! Siga o seu destino, já agora irremediavel, que eu terei coragem para subjugar o coração. Perderam-n'a para a familia, que comsigo não poderia ser o enlace de duas almas, porque haveria entre ellas uma vontade a desunil-as!

Luiza

(Agarrando-se a Bergeret.) Deus não me engeitará, não é verdade, padre? Preciso refugiar-me no seu seio! Tarda-me vestir o habito, e romper para sempre com este mundo de soffrimentos. Vamos, vamos! quero saír d'esta casa.

Joaquina

E os teus bens, Luiza? Não queres dispôr d'elles?

Luiza

Já fiz doação de quanto possúo ao instituto de S. Vicente de Paulo.

Joaquina

(A Bergeret.) Ai! que está tudo perdido!... Percebo agora o procedimento de D. José.

Bergeret

O sr. D. José virá dar parte a v. ex.ª do seu proximo casamento com a baronesa de Selgas.

Joaquina

Malvados!... Illudiram-me, abusaram de mim! Ernesto, vinga-me, que renuncío para sempre á hypocrisia.

Ernesto

Seremos vingados todos, quando os liberaes se unirem para debellar o inimigo, de que não ha a esperar pazes nem tregoas, recebendo a guerra com a guerra, trocando golpe por golpe, accendendo a luz nas trevas que os protegem; tolerantes, para com o principio que contesta o nosso principio, mas não para com o odio, que combate á traição a nossa lealdade! Padre Bergeret, destruiu a minha ventura mas affervorou as minhas crenças, e arrancando-me a noiva dos braços soltou-os, para ir dar rebate contra a reacção e chamar a mim os homens de energia, gritando-lhes com a força do desespero: *Salvêmos a liberdade! Salvêmos a liberdade!*

(Cáe o panno.)

Todos os direitos de propriedade d'este drama pertencem, no imperio do Brazil, aos srs. Francisco Maria Cordeiro de Sousa, do Rio de Janeiro, e Lourenço Linz de Hollanda, do Pará.

PQ
9261
E6L3

Ennes, Antonio
Os lazaristas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY